

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**TRIÂNGULOS ROSA: A DIVERSIDADE MEMORIAL DOS PRISIONEIRO  
HOMOSSEXUAIS NO HOLOCAUSTO**

Karen Pereira da Silva

PORTO ALEGRE  
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

TRIÂNGULOS ROSA: A DIVERSIDADE MEMORIAL DOS PRISIONEIROS  
HOMOSSEXUAIS NO HOLOCAUSTO

Karen Pereira da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como pré-requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Felizardo Nicolazzi

Co-Orientador: Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt

PORTO ALEGRE  
2018

### CIP - Catalogação na Publicação

da Silva, Karen Pereira

Triângulos Rosa: a diversidade memorial dos  
prisioneiros homossexuais no Holocausto / Karen  
Pereira da Silva. -- 2018.

63 f.

Orientador: Fernando Felizardo Nicolazzi.

Coorientador: Benito Bisso Schmidt.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura em  
História, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Holocausto. 2. Homossexualidade. 3. Memória. 4.  
Testemunho. 5. Triângulo Rosa. I. Felizardo  
Nicolazzi, Fernando, orient. II. Bisso Schmidt,  
Benito, coorient. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Karen Pereira da Silva

*Triângulos Rosa: A diversidade memorial dos prisioneiros homossexuais no Holocausto*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como pré-requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Felizardo Nicolazzi

Co-Orientador: Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt

Aprovado em: 20/12/2018

Conceito: A

**BANCA EXAMINADORA**

(a ata original, entregue para a comissão de graduação, encontra-se assinada)

---

Prof. Dr. Fernando Felizardo Nicolazzi (orientador) – Departamento de História, UFRGS

---

Prof. Dr. Alessandro Mario Kerber – Departamento de História, UFRGS

---

Prof. Dr. Fernando Seffner - Faculdade de Educação, UFRGS

## DEDICATÓRIA E AGRADECIMENTOS

Eu dedico esta monografia a todo e qualquer ser humano que ainda sofre qualquer tipo de discriminação, preconceito e/ou violência por sua orientação sexual e/ou identidade de gênero. Que sigamos resistindo.

Sou muito feliz e completamente realizada pelas pessoas e animais maravilhosos que estiveram comigo durante cada momento dessa jornada que foi muito desafiadora e gratificante.

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais, Maria Cristina e Jonas. Somente o Universo sabe o quanto sou feliz de hoje eu poder estar completando esta etapa da minha vida tendo vocês dois ao meu lado. Por toda a ajuda e todo o suporte, de diferentes jeitos e cada um à sua maneira, muito obrigada e todo o meu amor e admiração a vocês.

Agradeço também a três pessoas especiais sem as quais não teria sido possível eu estar me formando: meu tio, Ageu Junior, não somente por todo o suporte e ajuda que me deste, mas também por ser uma inspiração e referência de vida pra mim. Ao meu amigo e parceiro de ontem, hoje e amanhã, Jesús Hernández Martínez, que eu agradeço todos os dias por ter conhecido e ter em minha vida. E ao Cleiner Silva, o professor de história que ocupa um lugar único no meu coração. A vocês, por terem acreditado e investido em mim, muito obrigada. Eu espero e lutarei para sempre corresponder às expectativas de vocês.

Aos meus irmãos e irmãs na Terra, companheiros de Grupo Ashtar Sheran e Pé de Chulé: Ana Paula, Alexandre, Bárbara Kopp, Bárbara Sena, Carmen, Diogo, Jerusa, Júlio, Karina, Marlos e Mateus. Gratidão por estarem sempre comigo e principalmente por aturarem essa irmã mais nova muito rebelde, hehe. Obrigada por toda paciência, carinho, amor, acolhimento e aceitação. Que sigamos sempre juntos nessa grande e maravilhosa família que nossos Mestres uniram. Eu agradeço à Eles por tudo que sou e tenho hoje. Sharamastê.

Meu agradecimento, admiração e carinho incondicionais ao Fernando Nicolazzi, por ter me ensinado tudo que sei durante essa etapa de amadurecimento intelectual e acadêmico. Obrigada por ter acreditado em mim e apostado nessa proposta de pesquisa, que há algum tempo atrás tinha nos parecido impossível de ser realizada. Obrigada pelos livros, pelas muitas conversas e reflexões, pela solicitude e compreensão. Tu sempre terás de minha parte uma aluna à disposição para o que for preciso. Gratidão!

Também agradeço ao meu co-orientador, Benito Schmidt, que apesar de ter conhecido nas etapas finais desse projeto, foi de grande ajuda e suporte para a construção desse trabalho.

Que nossa jornada, que está só começando, seja sempre firme, sólida e baseada na confiança e compreensão mútuas. Desde já sou muito agradecida por tudo e em ti deposito grande admiração e carinho. Que sejamos resistência hoje e sempre.

Agradeço também a todas as pessoas, cada qual à sua maneira, que me prestaram sua amizade, companheirismo e ajuda nestes 5 anos que se passaram: Bianca Scherer, Bruna Mattos, Leandro Isquierdo e Tiago Medeiros - sou muito feliz de ter tido vocês como amigos e colegas nessa trajetória e os quero muito bem sempre - e Vivian Bernsmuller e César Pulgati, o casal de vizinhos mais especial que alguém poderia ter.

Por último, mas não menos importante, aos meus animais, minha fonte inesgotável de amor, carinho, compreensão, entendimento e evolução. Obrigada pela oportunidade de tê-los em minha vida e em meu coração – e por me deixarem viver de favor na casa de vocês, hehe. Aos que me escolheram nesta Terra como mãe e tutora, saibam que eu os amo imensamente e expresso isso a cada um de vocês todos os dias. Aos meus gatos Cherry, Tigre, Nuyan e Mingau e minhas cachorrinhas Felícia e Fifi. E a todos os outros - muitos! - animais que estiveram junto de mim nessa trajetória, dos quais seria humanamente impossível de nomear e citar um por um, muito obrigada. E mais uma vez, agradeço ao meu pai, Jonas, por abraçar junto de mim essa causa maravilhosa de proporcionar uma nova vida aos animais em nosso lar. Pois a expressão “sempre cabe mais um” é levada ao pé da letra na Casa 100.

## RESUMO

Esta monografia explora as diferentes vivências de três homossexuais deportados para campos de concentração nazistas – Josef Kohout (austríaco, campos de Sachsenhausen e Flossenbürg), Pierre Seel (francês, campo de Schirmeck-Vörsbuck) e Rudolf Brazda (tcheco, campo de Buchenwald) – e como estes exerceram sua sexualidade nestes locais, e como a partir disso, foram inseridos numa complexa rede de hierarquia e poder que existiu neste contexto de situações-limite. A partir do conceito de diversidade memorial, utilizado principalmente pelo sociólogo Michael Pollak (1948-1992), notório por seus estudos com sobreviventes do Holocausto, analisaremos também o processo de testemunho destes triângulos rosa, influenciado pela condição social que eles encontraram no pós-guerra em seus países e a árdua luta por reconhecimento e reparação, influenciando o movimento LGBT - mais notoriamente nos Estados Unidos, país de seu surgimento e consolidação, e em alguns países europeus, como a Alemanha, onde travou-se intensa luta pela revogação de leis discriminatórias como o Parágrafo 175.

Palavras-chave: triângulo rosa, homossexualidade, testemunho, holocausto, diversidade memorial.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. APRESENTAÇÃO DAS FONTES: AS OBRAS E SEUS AUTORES.....	15
1.1 <i>Os Homens do Triângulo Rosa, de Heinz Heger</i> .....	17
1.2 <i>Eu, Pierre Seel, Deportado Homossexual, de Pierre Seel e Jean Le Bitoux</i> .....	19
1.3 <i>Triângulo Rosa, de Jean Luc Schwab e Rudolf Brazda</i> .....	20
2. A DIVERSIDADE MEMORIAL DOS TRIÂNGULOS ROSA.....	24
2.1 <i>O testemunho de Josef Kohout – KZ de Sachsenhausen e Flossenbürg</i> .....	28
2.1.1 <i>KZ de Sachsenhausen</i> .....	29
2.1.2 <i>KZ de Flossenbürg</i> .....	31
2.2 <i>Pierre Seel, KZ de Schirmeck-Vörsbuck</i> .....	45
2.3 <i>Rudolf Brazda, KZ de Buchenwald</i> .....	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
BIBLIOGRAFIA.....	62

## INTRODUÇÃO

Esta monografia tem como objetivo analisar, a partir de três relatos<sup>1</sup> de ex-prisioneiros deportados por homossexualidade durante o Holocausto - Josef Kohout, Pierre Seel e Rudolf Brazda - como se deram suas experiências em campos de concentração nazistas a partir da vivência que estes tiveram de sua sexualidade enquanto homens gays nestes locais - e o quanto este fator influenciou a inserção destes na hierarquia e nas relações de poder que eram ali travadas entre os próprios prisioneiros. Estes três homens, por virem de diferentes contextos, culturas e terem tido experiências concentracionárias diversas entre si, possuem, portanto, diferentes relatos e visões acerca de suas perseguições e deportações, por isso o termo aqui usado para referir-se a estes diferentes relatos é *diversidade memorial*. Segundo Michael Pollak e Nathalie Heinich<sup>2</sup> a diversidade memorial refere-se a maneira como cada ex-prisioneiro vivenciou sua experiência traumática e o quanto esta influenciou em seu testemunho - ou em sua decisão pelo silêncio. Segundo os autores, a decisão dos sobreviventes em relatar ou recusar-se a tal são influenciadas pelas “condições sociais que tornam comunicável, condições que evoluem com o tempo e que variam de um país ao outro”<sup>3</sup>. Cita-se o exemplo:

Essa contradição se expressa na entrevista de uma sobrevivente do campo de Auschwitz-Birkenau que diz com alguns minutos de diferença: ‘no campo, dizíamos que era necessário registrar tudo e relatar tudo em nosso regresso’ logo evocando seu retorno: ‘a única coisa em que pensei foi em esquecer tudo e refazer minha vida’. Outro exemplo desta tensão constitutiva de muitos relatos de deportados: ‘creio verdadeiramente que é muito difícil relatar a deportação porque cada pessoa viveu uma coisa diferente, tão particular que é impossível transmiti-la’.<sup>4</sup>

Tal problemática é bem visível nos testemunhos aqui estudados: Josef Kohout foi o primeiro a publicar suas memórias, nos anos 1970; Pierre Seel tinha decidido esquecer tudo e viver uma vida heteronormativa até os anos 1980, quando tornou pública sua experiência

---

<sup>1</sup>São estes, em ordem de aparição: HEGER, H. **Hombres del triângulo rosa – memorias de un homosexual en los campos de concentración nazis**. Madri: Amaranto Editores, 2016; SCHWAB, J. L.; BRAZDA, R. **Triângulo Rosa – um homossexual no campo de concentração nazista**. São Paulo: Mescla, 2011; SEEL, P.; BITOUX, J. L. **Pierre Seel – Deportado Homossexual**. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2017.

<sup>2</sup>POLLAK, M.; HEINICH, N. El Testimonio. In: POLLAK, M. **Memoria, olvido, silencio: la producción social de identidades frente a situaciones límite**. Buenos Aires: Ediciones Al Margen, 2006, p. 53-112.

<sup>3</sup>Ibid., p. 56.

<sup>4</sup>Ibid., p. 55.

traumática e por fim, o último deles, Rudolf Brazda, acompanhou a publicação dos testemunhos anteriores, mas só sentiu necessidade de contar sua história no fim de sua vida, em 2008. Todas estas histórias são perpassadas por muita luta destes homens por reconhecimento, justiça e reparação, visto que o pós-guerra foi um momento conturbado para aqueles que sofreram com a perseguição nazista.

A questão da construção da memória do Holocausto<sup>5</sup>, hoje tão presente em nossa cultura e imaginário - seja em *blockbusters* estadunidenses ou em romances históricos - foi um processo longo e sensível, que demorou em consolidar-se, segundo demonstrou o historiador italiano e estudioso do tema, Enzo Traverso<sup>6</sup>. Para ele, a primeira aparição pública da memória do Holocausto a nível mundial se dá nos anos 1960, com o julgamento de Adolf Eichmann em Jerusalém. A partir daí, com Israel travando sucessivos conflitos com os países árabes como a Guerra dos Seis Dias (1967), o Holocausto começa a ser utilizado por parte da comunidade judaica, de maneira aberta e política, como fator legitimador para a expansão e manutenção do Estado Israelense.

Porém, a consolidação na cultura popular ocorre de fato no fim dos anos 1970, quando a minissérie estadunidense do canal NBC, *Holocaust*, vai ao ar, mais precisamente em 1978. Apesar das inúmeras críticas feitas acerca da veracidade e do rigor presentes nesta, nada impediu que a produção fosse um sucesso absoluto de audiência nos Estados Unidos e Europa. Segundo o autor: “A memória do genocídio conhece então [...] um processo de *americanização*, ou seja, entra na consciência histórica dos Estados Unidos, de *sacralização*, até se tornar numa espécie de ‘religião civil’, com os seus dogmas (o seu carácter único e incomparável) e os seus ‘santos seculares’ (os sobreviventes transformados em ícones vivos).”<sup>7</sup>

Até então, os sobreviventes judeus do Holocausto estavam na penumbra e ainda não haviam trazido seu sofrimento à tona. Conforme salientado também por Enzo Traverso, a vitória aliada no fim da Segunda Guerra foi para derrotar o nazismo, não para salvar os judeus.<sup>8</sup> Após o fim desta, todas as atenções estavam concentradas na tensão constante da

---

<sup>5</sup>A temática também é abordada por Andreas Huyssen no livro “Seduzidos pela memória - arquitetura, monumentos, mídia”, Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000, o qual não citaremos no texto pois o enfoque usado pelo autor (a globalização da memória do Holocausto) é diferente do proposto aqui, porém, registra-se a sugestão de leitura.

<sup>6</sup>TRAVERSO, E. **O passado: modos de usar – História, memória e política**. Lisboa: Edições Unipop, 2012.

<sup>7</sup>Ibid., p. 77.

<sup>8</sup>Ibid., p. 73-74.

polarização do mundo vivida sob a Guerra Fria (1947-1991). Michael Pollak<sup>9</sup> também salientou este mesmo processo de silêncios em torno da memória do Holocausto:

Um motivo como a participação na Resistência era mais fácil de valorizar depois da guerra do que, por exemplo, ter sido preso numa *blitz* por ser judeu. Ou ainda, ter sido deportado por condenação de delito penal, por ter atuado no mercado negro. Há uma multidão de motivos, uma multidão de memórias e lembranças que tornam difícil a valorização em relação à sociedade em geral e que podem ser a origem de conflito entre pessoas que vivenciaram o mesmo acontecimento e que, a priori, por terem elemento constitutivo comum em suas vidas, deveriam sentir-se como presentes ao mesmo grupo de destino, à mesma memória (p. 205).

Após a consolidação da memória do Holocausto, em relação à qual alguns autores consideram ter havido uma completa saturação de produções acerca do tema, principalmente vindo dos Estados Unidos, com suas produções cinematográficas e também literárias, vimos este processo de disputa em torno da memória deste evento traumático concentrar-se majoritariamente nas vítimas judias, com os memoriais e museus ao redor de todo o mundo terem sido, durante muito tempo, extremamente seletivos com as vítimas que são ali representadas: “a escolha final de um memorial do Holocausto (e não de todas as vítimas do nazismo) expõe-se ao risco que ameaça toda e qualquer ‘memória forte’: o de esmagar as memórias mais ‘fracas’”.<sup>10</sup>

Somente a partir dos anos 2000 em diante é que tem havido um processo de “abertura” da memória do Holocausto, tendo produções acadêmicas e culturais diversas - como livros, filmes, peças de teatro e até mesmo museus e locais de memória - abordado as *outras* vítimas do nazismo: homossexuais, testemunhas de Jeová, ciganos, pessoas com deficiência etc. No que diz respeito aos homossexuais, que é o grupo em específico que aqui nos interessa, os dois autores citados até então resumem sucintamente a problemática memorial em torno de seu trauma. Primeiramente, segundo Michael Pollak<sup>11</sup>:

Uma pesquisa de história oral feita na Alemanha junto aos sobreviventes homossexuais dos campos comprova tragicamente o silêncio coletivo daqueles que,

---

<sup>9</sup>POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

<sup>10</sup>TRAVERSO, E. **O passado: modos de usar – História, memória e política**. Lisboa: Edições Unipop, 2012, p. 83.

<sup>11</sup>POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 13-14.

depois da guerra, muitas vezes temeram que a revelação das razões de seu internamento pudesse provocar denúncia, perda de emprego ou revogação de um contrato de locação. Compreende-se por que certas vítimas da máquina de repressão do Estado-SS - os criminosos, as prostitutas, os "associais", os vagabundos, os ciganos e os homossexuais - tenham sido conscienciosamente evitadas na maioria das "memórias enquadradas" e não tenham praticamente tido voz na historiografia. Pelo fato de a repressão de que são objeto ser aceita há muito tempo, a história oficial evitou também durante muito tempo submeter a intensificação assassina de sua repressão sob o nazismo a uma análise científica (grifos meus).

Este é acompanhado por Enzo Traverso<sup>12</sup>, segundo o qual:

A memória homossexual apenas agora começa a exprimir-se publicamente. Durante décadas, as associações que representavam os homossexuais deportados para os campos de concentração nazis foram expulsas na militância das celebrações oficiais como portadoras de uma recordação vergonhosa e inominável. As leis que tinham permitido a sua deportação - o parágrafo 175 do código penal da República de Weimar - foram abolidas bem tardiamente no pós-guerra, quando um grande número de ex-deportados já tinha sido indenizado.

Os primeiros despontamentos da memória acerca do sofrimento dos homossexuais sob o nazismo se deram com a constituição e organização do que hoje conhecemos como movimento LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros), que desde os anos 1970 vinha fazendo mobilizações pela revogação do Parágrafo 175<sup>13</sup> na Alemanha e de outras leis discriminatórias em países que iam desde os Estados Unidos - como a *Proposition 6*<sup>14</sup> -

---

<sup>12</sup>TRAVERSO, E. **O passado: modos de usar – História, memória e política**. Lisboa: Edições Unipop, 2012, p. 72-73.

<sup>13</sup>O Parágrafo 175, que condenava relações entre pessoas do mesmo sexo, esteve presente no Código Criminal Germânico desde a unificação do país em 1871. Em 1933, foi endurecido pelos nazistas, que deportaram para campos de concentração e extermínio todos aqueles que eram fichados por 'sodomia'. No pós-guerra, seguiu em vigor, sendo que o texto dos anos 50 e 60 era o mesmo dos nazistas, que foi mantido pelas Alemanhas Oriental e Ocidental. Nos anos 70 a rigidez da lei foi atenuada, mas totalmente revogada somente em 1994. Em 2002, o Parlamento Alemão anulou todas as condenações do período nazista, mas somente em 2017 (no ano passado!) anulou todas as condenações pelo parágrafo, incluindo as do pós-guerra. No mesmo ano, finalmente foi estabelecida uma indenização para todos os condenados pela lei, porém, infelizmente tarde demais para boa parte das vítimas que faleceu sem ter qualquer tipo de reconhecimento ou pedido oficial de desculpas por parte do Estado alemão. Disponível em <<https://goo.gl/hiCb4o>>. Acesso em 08 de out. 2018.

<sup>14</sup>Também conhecida como "Iniciativa Briggs", devido ao nome do seu autor, a *Prop 6* visava demitir gays, lésbicas e qualquer um que apoiasse os direitos LGBT das escolas públicas da Califórnia. A medida foi derrubada num referendo em 1978, tendo Harvey Milk encabeçado fortemente a oposição ao projeto de lei. Disponível em: <<https://goo.gl/LDGP7C>>. Acesso em 08 de out. 2018.

chegando até a América Latina, que viveu a partir dos anos 60 sob diversos regimes ditatoriais que reprimiram os homossexuais e todos/as aqueles/as que não se enquadravam na heteronormatividade. Mesmo preocupados/as com as questões atuais do movimento gay, estes homens e mulheres, cisgêneros e transgêneros, também se importaram com este importante momento de opressão sofrido no passado. Neste sentido, o livro de memórias “*Die männer mit dem rosa winkel*” (Os homens do triângulo rosa, em tradução livre), testemunho do ex-prisioneiro deportado por homossexualidade Josef Kohout, uma das obras analisadas na presente monografia, significou, segundo o historiador estadunidense Erik Jensen<sup>15</sup>, uma completa mudança de perspectiva dos ativistas das décadas de 70 em diante com relação à consciência de seu passado traumático. Esse fenômeno de resgate do passado traumático para então transformá-lo em contexto de luta e identidade social é a “vingança dos pobres, dos oprimidos, dos desafortunados, a História daqueles que não tinham nenhum direito à História”<sup>16</sup>, segundo o historiador francês Pierre Nora. Ele complementa: “temos testemunhado a rápida emergência de todas as formas de memória no caso de minorias, para as quais a recuperação de seu passado é parte integral da afirmação de sua identidade.”<sup>17</sup>

Desta época em diante, após muitas lutas contra a LGBTfobia, disputas e embates em torno da problemática questão da memória, hoje os homossexuais já são reconhecidos - não sem certa resistência de alguns setores da sociedade - como vítimas do Holocausto, principalmente nos Estados Unidos e em alguns países europeus como Alemanha e França, onde estão concentrados os maiores volumes de produção acadêmica e cultural acerca da perseguição que eles sofreram sob o nazismo.

Porém, como foi anteriormente apontado pelo aqui já citado Enzo Traverso, mesmo com o reconhecimento, as memórias dos homossexuais e de outras minorias vítimas do nazismo permanecem *periféricas*, ou seja, com pouco destaque e atenção comparado às vítimas de maior expressão, os judeus, principalmente no que diz respeito aos países fora do eixo Estados Unidos-Alemanha. O espaço destinado aos homossexuais nos museus e memoriais do Holocausto pelo mundo geralmente restringe-se a uma pequena vitrine e os monumentos em homenagem à memória destes são separados dos monumentos de lembrança das vítimas

---

<sup>15</sup>Jensen, E. The Pink Triangle and Political Consciousness: Gays, Lesbians, and the memory of Nazi Persecution. In: **Journal of the History of Sexuality**. Austin: University of Texas Press, 2002, v. 11, n. 1-2, p. 319-349.

<sup>16</sup>NORA, Pierre. Memória: da liberdade à tirania. **Revista Musas**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Museus, n. 4, 2009, p. 8.

<sup>17</sup>Ibid.

judias.<sup>18</sup> Dada a problemática anteriormente exposta, acreditamos que este trabalho se justifica por trazer para o Brasil um tema ainda pouquíssimo estudado e conhecido em nosso país, tanto no âmbito da produção acadêmica quanto no da produção cultural mais ampla, como aqui iremos demonstrar. Trata-se de um tema importantíssimo para nós, pessoas LGBT, para que nosso passado de opressão e lutas nos fortaleça identitária e socialmente para o presente e futuro desafiadores que se apresenta nos dias de hoje.

Para atingir nossos objetivos, propõe-se nesta monografia a seguinte divisão de capítulos: 1) apresentação dos livros utilizados como fonte e seus autores, e do contexto de escrita, publicação e repercussão das obras, havendo antes uma breve introdução acerca da disponibilidade de material para buscar conhecimento introdutório ou trabalhar academicamente com este tema no Brasil; 2) introdução sucinta acerca da perseguição nazista aos homossexuais e apresentação acerca da vida das pessoas aqui estudadas até a deportação, para em seguida examinar as suas vivências da sexualidade nos campos, e como tal elemento foi um fator de propulsão das relações hierárquicas e de poder entre os prisioneiros; para então concluirmos com uma breve reflexão acerca da luta por reconhecimento e justiça que estes homens travaram até falecerem e a importância que tiveram para as gerações futuras.

---

<sup>18</sup>Um exemplo é a cidade de Berlim, capital da Alemanha, onde estão localizados o “Memorial aos Judeus Mortos na Europa” e o “Memorial aos Homossexuais Perseguidos pelo Nazismo”. Apesar de serem construções similares e remeterem ao mesmo período histórico e evento traumático, estão separados um do outro por 160m (aprox. 2 min de caminhada segundo o *Google Maps*).

## Capítulo 1 - APRESENTAÇÃO DE FONTES: AS OBRAS E SEUS AUTORES

Este capítulo destina-se a apresentar ao/à leitor/a as três obras que serão aqui utilizadas para o estudo da experiência concentracionária de três homens deportados por homossexualidade. Serão discutidos diversos aspectos acerca destas: sua escrita, contexto de publicação, recebimento pela crítica, traduções, impacto na cultura popular, entre outros. Será adotada, para fins de análise, uma ordem cronológica de acordo com a data de publicação das obras: da mais antiga até a mais atual. Neste momento, não exporemos as biografias de cada um dos sobreviventes, pois isso será feito no segundo capítulo, quando nos debruçaremos sobre as experiências propriamente ditas de cada um. Mas para chegarmos lá, é antes necessário oferecer um breve panorama geral acerca das obras em análise.

Como poderá ser visto a seguir, das três obras utilizadas neste estudo, duas possuem tradução para o português: a de Pierre Seel encontra-se - no momento da escrita deste trabalho - esgotada e sem previsão de lançamento de uma segunda edição.<sup>19</sup> O testemunho de Rudolf Brazda, o último triângulo rosa a falecer, em 2011, tem edição em português de seu livro disponível para venda em sites de grandes livrarias como *Saraiva*, *Cultura* e *Estante Virtual* por preços módicos. O livro de Josef Kohout, publicado sob o pseudônimo de Heinz Heger, não possui tradução para o português.<sup>20</sup> Curiosamente, foi a obra de Heger, conforme já descrito pelo historiador Erik Jensen, que inaugurou a divulgação histórica acerca do martírio dos homossexuais pelo nazismo, além de ter servido de base para filmes, peças teatrais e outras linguagens artísticas que ampliaram ainda mais as produções acadêmicas e culturais acerca do tema. É importante frisar também que até então se possui notícia de apenas um único triângulo rosa preservado após o fim da guerra, que hoje faz parte do acervo do United States Holocaust Memorial Museum, de Washington. Este objeto pertenceu justamente a Josef Kohout e foi doado por sua família ao museu.<sup>21</sup>

Atualmente, trabalhar com o tema de maneira introdutória já é possível no Brasil. Ano passado, foi publicado em português o livro “Marcados pelo Triângulo Rosa”, do bibliotecário e ativista gay canadense Ken Setterington.<sup>22</sup> Há também algumas produções cinematográficas, sendo a mais conhecida o filme “Bent” (1997)<sup>23</sup>, dirigido por Sean Mathias,

---

<sup>19</sup>A solução encontrada por mim foi importar o livro da Amazon Espanha e trabalhar com a edição em espanhol neste trabalho.

<sup>20</sup>Idem à nota anterior.

<sup>21</sup> Pode ser visto em <<https://goo.gl/xwpF8U>>. Acesso em 09 de out. 2018.

<sup>22</sup> SETTERINGTON, K. **Marcados Pelo Triângulo Rosa**. São Paulo: Melhoramentos, 2017, 135 p.

<sup>23</sup> A ficha técnica completa pode ser vista em: <<https://goo.gl/WFoAyK>>. Acesso em: 12 de out. 2018.

que retrata o romance entre dois homens gays num campo de concentração. O filme já esteve disponível no serviço de *streaming* da Netflix no Brasil por um período, mas foi retirado do catálogo. A obra ainda pode ser encontrada à venda em DVD e *Blu-Ray* ou gratuitamente pela internet. Já o documentário “Parágrafo 175” (2000)<sup>24</sup>, até pouco tempo atrás encontrava-se disponível pela internet, mas foi retirada devido a leis de direitos autorais, podendo ser visto somente através do streaming pago da *Vimeo*. A Companhia de Teatro ao Quadrado, de Porto Alegre, inspirada pelos livros de Pierre Seel e Rudolf Brazda, além do filme “Bent”, criou a peça teatral “Os Homens do Triângulo Rosa”, que tem feito grande sucesso desde que estreou em 2014. A peça pode ser conferida em festivais anuais como “Porto Verão Alegre” ou “Porto Alegre em Cena”. Para pessoas que têm somente a língua portuguesa como opção de leitura e/ou estão fora do âmbito acadêmico, as opções para o estudo do tema são estas.

No âmbito acadêmico, o tema ainda é muitíssimo restrito no Brasil. Após intenso levantamento - que venho realizando desde 2016 - em portais acadêmicos, como o Google Acadêmico, Academia.edu e Portal de Periódicos da Capes (para citar somente os principais), em busca de estudiosos que pesquisaram a perseguição aos homossexuais academicamente, tendo feito suas teses sobre o assunto, encontrei somente duas referências: Guido Vieira Arosa, Mestre em Teoria Literária pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Tiago Elídio, também Mestre em Teoria Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Tiago Elídio é o tradutor da obra de Pierre Seel para o português, até então disponível somente em inglês, espanhol ou francês. Infelizmente, grande parte das fontes, livros e documentos acerca do tema está disponível somente em alemão, francês, inglês e espanhol. Ler inglês e espanhol já abre boas possibilidades de pesquisa, porém, para uma imersão completa na pesquisa do tema e um maior aprofundamento em questões teóricas e metodológicas a ele relativos, é indispensável ler alemão e/ou francês, o que restringe muito o público apto para a pesquisa do tema no Brasil e, por consequência, a divulgação científica deste em nosso país.

Um dos objetivos deste trabalho é justamente este: contribuir para a pesquisa científica do tema no Brasil, que ainda é muito restrita. Infelizmente, vivemos tempos sombrios em nosso país, principalmente nós, a comunidade LGBT, que enfrenta constante perda de direitos com o avanço do conservadorismo. Nos agradecimentos da primeira edição de seu livro, Pierre

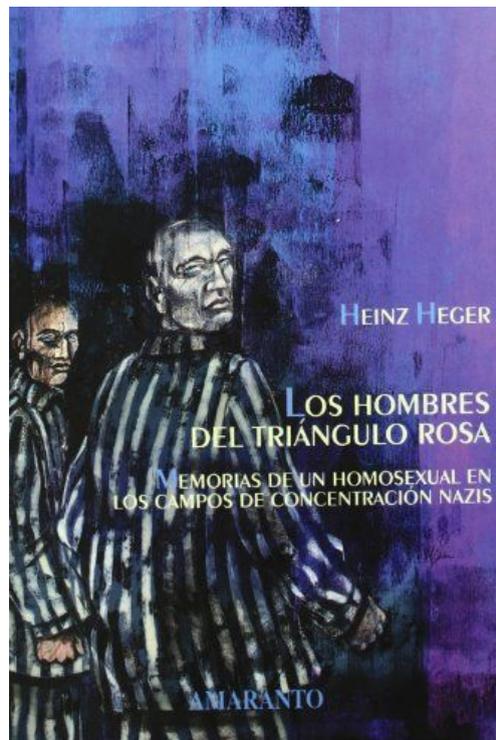
---

<sup>24</sup>A ficha técnica completa pode ser vista em: <<https://goo.gl/Z5ZhZU>>. Acesso em: 12 de out. 2018.

Seel fez um clamor que ainda é muito atual: “esta obra é também uma chamada urgente a testemunhas e historiadores. Quantas obras faltam sobre este tema. Para que eu deixe de estar sozinho testemunhando sobre a deportação de homossexuais pelos nazistas.”<sup>25</sup> Que tomemos o exemplo destes seres humanos e sigamos lutando e resistindo sempre.

### 1.1 *Os Homens do Triângulo Rosa* (em tradução livre), de Heinz Heger

Imagem 1 - Edição da obra aqui utilizada em espanhol



Retirado de: <<https://goo.gl/t61yf4>>. Acesso em: 19 de nov. 2018.

“*Männer mit dem rosa Winkel*” (Os Homens do Triângulo Rosa, em tradução livre), foi escrito e publicado em 1972 pelo escritor gay austríaco Hans Neumann (que utilizou o pseudônimo de Heinz Heger devido à vigência do Parágrafo 175 na data do lançamento), a pedido do ex-prisioneiro deportado por homossexualidade Josef Kohout. Este queria falar sobre sua experiência traumática nos campos de concentração, mas não desejava ter seu nome vinculado à nenhuma publicação, então relatou sua história de vida à Neumann, que, exceto por algumas datas trocadas, parece ter sido fiel às memórias de Kohout, deixando-o muito

---

<sup>25</sup> SEEL, P.; BITOUX, J. L. **Pierre Seel – Deportado Homossexual**. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2001, p. 139, tradução nossa.

satisfeito com o resultado final: “[Josef] experimentou tal satisfação e alívio ao ver que seu relato perduraria para a posterioridade [...] que não se incomodou por estas imprecisões [...] o importante para ele é que os acontecimentos haviam sido publicados tal qual haviam se sucedido.”<sup>26</sup>

Desde o fim da guerra, o ex-prisioneiro lutou por uma indenização idêntica àquela que os outros grupos de deportados tiveram direito - como os prisioneiros políticos, judeus e ciganos, dentre outros - mas essa lhe foi negada por ter sido deportado por sua orientação sexual. Ele não desistiu, e lutou até o fim de sua vida por seus direitos, percurso que é narrado no livro. Somente dois anos antes de sua morte, em 1992, finalmente recebeu o devido reconhecimento e a indenização a que tinha direito.

Esta foi a primeira obra a ser publicada contendo o testemunho de um homem deportado por homossexualidade para um campo de concentração nazista. A primeira edição em alemão é de 1972, em plena vigência do Parágrafo 175. O livro foi um sucesso de vendas e foi traduzido para diversos idiomas, como inglês, espanhol, francês e polonês.

O testemunho de Josef Kohout encorajou que outros deportados por homossexualidade também viessem a público trazer suas memórias, como o francês Pierre Seel, de quem falaremos no próximo ponto. A obra foi a grande inspiração para a peça teatral “Bent”<sup>27</sup>, dirigida por Martin Sherman e que entrou em cartaz na Broadway em 1980, e foi um sucesso absoluto de público, tendo sido, inclusive, adaptada e encenada no Brasil em plena ditadura civil-militar, em 1981, conforme noticiado pelo jornal gay “Lampião da Esquina”<sup>28</sup>. A peça inspirou o filme homônimo de 1997, o já citado anteriormente “Bent”. Também já apontamos antes que a bibliografia especializada no tema indica a obra de Josef Kohout como responsável por uma mudança de perspectiva do movimento LGBT acerca de seu passado traumático, além de ser a mais conhecida e de maior referência acerca do tema até os dias de hoje.<sup>29</sup> Uma praça em Viena leva o nome de Heinz Heger, em homenagem a Hans Neumann e Josef Kohout. Esse último faleceu em 1994 aos 77 anos e seu túmulo recebeu a visita e as homenagens de Pierre Seel.

---

<sup>26</sup>Nota dos editores à edição espanhola do livro, sem página, tradução nossa. Referência completa da obra encontra-se na nota de número 15.

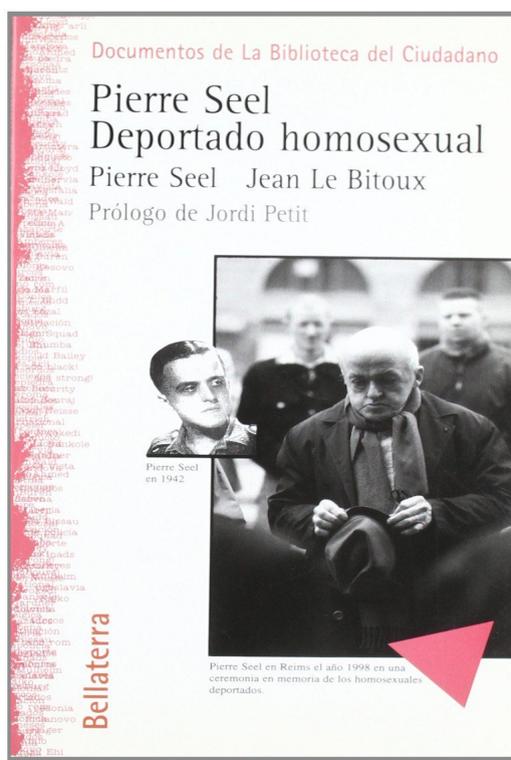
<sup>27</sup>A ficha técnica completa da peça pode ser vista em: <<https://goo.gl/oYeZw8>>. Acesso em: 12 de out. 2018.

<sup>28</sup>A peça foi noticiada por “Lampião” em duas edições: N° 36 de fevereiro de 1981 e N° 37 de março de 1981. As edições podem ser vistas em <<https://goo.gl/AazWyP>>. Acesso em: 12 de jun. 2017.

<sup>29</sup>TAMAGNE, F. **A History of Homosexuality in Europe**. Nova York: Algora, 2006, p. 382.

## 1.2 *Eu, Pierre Seel, Deportado Homossexual*, de Pierre Seel e Jean Le Bitoux

Imagem 2 - Edição da obra aqui utilizada em espanhol



Retirado de: <<https://goo.gl/JkPKnS>>. Acesso em: 19 de nov. 2018.

Ao contrário da obra anterior, o testemunho de Pierre Seel tem tradução para o português<sup>30</sup>, porém, conforme antes indicado, infelizmente esgotada. O livro foi publicado pela Editora Cassará, do Rio de Janeiro, em 2012. A edição aqui utilizada<sup>31</sup> é a tradução em espanhol da obra. Foi publicada pela Edicions Bellaterra, de Barcelona, em 2001.

A obra foi escrita em 1ª pessoa por Pierre Seel, tendo o jornalista gay francês Jean Le Bitoux como co-autor. Jean Le Bitoux, importante ativista LGBT e de conscientização acerca do HIV/AIDS, foi o fundador da revista gay francesa “*Gai pied*”, que publicou o primeiro relato aberto de Pierre Seel acerca de sua deportação, em 1982. Segundo informações presentes no livro de Seel e também na *Wikipedia*<sup>32</sup>, ele mesmo escreveu o livro, contando apenas com a assistência de Bitoux para checagem de fatos e datas, além das questões editoriais e publicitárias acerca da obra. Bitoux foi um grande ativista pela memória e

<sup>30</sup>SEEL, P. **Eu, Pierre Seel, Deportado Homossexual**. Rio de Janeiro: Cassará, 2012.

<sup>31</sup>SEEL, Pierre; BITOUX, Jean Le. **Pierre Seel – Deportado Homossexual**. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2001.

<sup>32</sup>Disponível em: <<https://goo.gl/koa5ui>>. Acesso em: 18 de out. 2018.

reconhecimento dos triângulos rosa pela Europa, tendo publicações acerca do tema e inclusive já tendo sido impedido de participar de uma cerimônia em homenagem às vítimas do Holocausto. O motivo de tal censura é desconhecido, mas é possível imaginar as motivações pelo que foi exposto até aqui<sup>33</sup>.

Pierre Seel foi o primeiro homossexual francês a tornar pública sua deportação por homossexualidade, tendo recebido muita atenção da imprensa francesa. Após o fim da guerra, disposto a esquecer o passado, casou-se com uma mulher e teve três filhos, mas não conseguiu superar os traumas: tornou-se alcoólatra e chegou a ser morador de rua por um período de sua vida. Começou a se reconstruir em 1979, quando conheceu Jean Pierre Joecker, num evento que marcava a publicação do livro de Josef Kohout em francês. Após o fim do evento, Seel dirigiu-se discretamente a Joecker e lhe contou brevemente sua história. Aceitou, sob condição de anonimato, que este publicasse seu relato na revista gay em que era editor, “*Masques*”. Porém, somente em 1982 (a homossexualidade acabava de ser revogada enquanto crime na França, em 1981), saiu do anonimato com a publicação de entrevista na revista de Jean Le Bitoux, motivada pelas declarações homofóbicas feitas publicamente pelo Bispo de Estrasburgo, Léon Elchinger, relatando assim suas memórias pela primeira vez sob seu próprio nome. Hoje em dia, Pierre Seel é um dos mais conhecidos ex-deportados por homossexualidade, na França e fora dela. Sua história inspirou a produção cinematográfica “*Un amour à taire*”<sup>34</sup> - “Amor em tempos de guerra”, na tradução para o português, de 2005, e também a peça “Os Homens do Triângulo Rosa”, já citada. Foi entrevistado para o documentário “Parágrafo 175”, também referenciado anteriormente. Uma rua em Toulouse, na leva o seu nome, assim como um memorial em Mulhouse, onde viveu durante boa parte de sua vida.<sup>35</sup> Pierre Seel foi um ativo militante pelos direitos LGBT até sua morte, em 2005.

### 1.3 *Triângulo Rosa*, de Jean-Luc Schwab e Rudolf Brazda

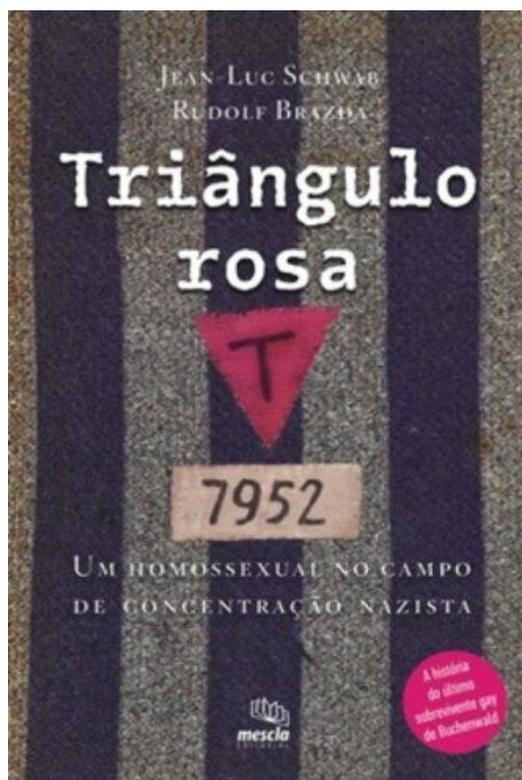
Imagem 3 - Edição da obra aqui utilizada em português

---

<sup>33</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/UssKjy>>. Acesso em: 18 de out. 2018.

<sup>34</sup> A ficha técnica completa do filme pode ser conferida em: <<https://goo.gl/zdWLna>>. Acesso em: 18 de out. 2018.

<sup>35</sup> Informações referenciadas nas notas de rodapé de número 18 e 19.



Retirado de: <<https://goo.gl/FqR6jK>>. Acesso em: 19 de nov. 2018.

O testemunho de Rudolf Brazda, escrito por Jean-Luc Schwab, foi publicado inicialmente em língua francesa em 2010. Brazda foi o último sobrevivente conhecido deportado por homossexualidade até 2011 (ano de seu falecimento), portanto, seu relato causou grande *frisson* no momento de sua publicação. Diferentemente de seus antecessores mais conhecidos, como Josef Kohout e Pierre Seel, ele só tornou pública sua história no fim de sua vida, em 2008, quando soube da inauguração de um memorial em homenagem às vítimas homossexuais do Holocausto, em Berlim. Assim como Seel, Brazda também comprou o livro de Kohout quando este foi publicado, e apesar de ter encontrado muitas semelhanças com sua experiência, não sentiu necessidade de contá-la à época. Este relata que teve uma vida tranquila no pós-guerra: emigrou para a França, onde continuou a exercer seu ofício de telhador, e lá encontrou seu parceiro, Edi, com quem permaneceu até o falecimento deste, em 2003.

Devido sua idade avançada quando decidiu tornar público seu testemunho (contava com 95 anos), sua história foi escrita pelo jornalista francês Jean-Luc Schwab, que escreveu a obra em terceira pessoa: “Assumindo o papel de confidente de Rudolf Brazda, ele tomou seu

depoimento e o complementou com profunda pesquisa histórica”.<sup>36</sup> Por ter publicado suas memórias num período de maior abertura e tolerância, Brazda não precisou de pseudônimos nem sofreu ameaças, como infelizmente ocorreu com seus antecessores citados. Foi convidado especial de diversas paradas gays pela Europa e esteve presente como convidado de honra em uma das cerimônias anuais de lembrança às vítimas do campo de concentração de Buchenwald. Também prestou suas homenagens em 2010 para Pierre Seel, na ocasião da inauguração do memorial em homenagem a ele em Mulhouse, França.

Desde então, Brazda recebeu diversas homenagens e distinções, como a Medalha de Cavaleiro da Legião da Honra da França, em 2011. Quando da publicação de seu livro em português e de seu falecimento - ambos no mesmo ano - saíram reportagens a respeito de ambos os acontecimentos em importantes veículos de comunicação no Brasil, como as revistas *Bula*, *Época* e *Veja*, além dos jornais *Estadão* e *Folha de São Paulo*, este último com uma polêmica: na ocasião, foi criada uma enquete no site do jornal intitulada “sexo gay no nazismo”, que questionava os leitores se eles manteriam relações sexuais com pessoas do mesmo sexo em um campo de concentração, pergunta baseada no que é relatado no livro de Brazda. A enquete repercutiu muito negativamente, o que levou o site a retirá-la do ar e publicar uma retratação.<sup>37</sup>

Imagem 4 - Enquete do Site Folha de São Paulo

**FOLHA.com** 27 DE ABRIL DE 2011  
PREVISÃO DO TEMPO

NOTÍCIAS PODER MUNDO MERCADO COTIDIANO ESPORTE ILUSTRADA CIÊNCIA TEC FOLHA DE HOJ  
AMBIENTE BICHOS BLOGS CELEBRIDADES COLUNAS COMIDA EQUILÍBRIO E SAÚDE FOLHATEEN FOLHINHA :  
HORÓSCOPO FOLHAINVEST INDICADORES GUIA E-MAIL FOLHA ASSINANTES ERRAMOS TV FOLHA FOTC

27/04/2011 - 16h08

### Sexo gay no nazismo

O livro "[Triângulo Rosa](#)" traz o relato de um sobrevivente gay de um campo de concentração nazista. Ele diz que até héteros acabavam transando com outros homens. Se você fosse um prisioneiro em um campo nazista, você faria sexo com uma pessoa do mesmo sexo?

Sim

Não

Talvez, mas sem beijo na boca

Votar Ver resultado

Atenção: o resultado desta enquete não tem valor de amostragem científica e se refere apenas a um grupo de leitores da Folha.com.

<sup>36</sup>SCHWAB, J. L.; BRAZDA, R. *Triângulo Rosa – um homossexual no campo de concentração nazista*. São Paulo: Mescla, 2011.

<sup>37</sup>Disponível em: <<https://goo.gl/PoaPhh>>. Acesso em: 18 de out. 2018.

Fonte: <<https://goo.gl/Q93pQ9>>. Acesso em: 18 de out. 2018.

Rudolf Brazda faleceu em 2011 aos 98 anos de idade. Atualmente, não há conhecimento de nenhum triângulo rosa que ainda esteja vivo. No ano passado, Roman Blank, um sobrevivente judeu do Holocausto, assumiu sua homossexualidade, aos 95 anos.<sup>38</sup> Gad Beck, um judeu homossexual berlinense, relatou suas memórias em um livro.<sup>39</sup> Foi deportado em 1945 para um campo de trânsito em Berlim por ter colaborado com a Resistência. Faleceu aos 89 anos em 2012. Outra vítima homossexual do Holocausto que recentemente tornou-se conhecido foi Fredy Hirsch<sup>40</sup>, deportado por ser judeu. Foi assassinado nas câmaras de gás de Auschwitz em 1944. Porém, apesar de serem gays, nenhum desses homens teve a homossexualidade como motivo de suas deportações, ao contrário dos que são aqui estudados.

---

<sup>38</sup>Disponível em: <<https://goo.gl/eMPvWD>>. Acesso em: 18 de out. 2018.

<sup>39</sup>BECK, G. **An Underground Life: Memoirs of a Gay Jew in Nazi Berlim**. Madison: University of Wisconsin Press, 2000.

<sup>40</sup>A história de Fredy Hirsch tornou-se conhecida do grande público com a publicação do romance histórico “A Bibliotecária de Auschwitz”, baseado nas memórias da sobrevivente do Holocausto Dita Kraus, que conviveu com Hirsch no campo de extermínio. O livro possui edição em português, do escritor espanhol Antonio G. Iturbe e foi lançado pela editora HarperCollins Brasil em 2014.

## Capítulo 2 - A DIVERSIDADE MEMORIAL DOS TRIÂNGULOS ROSA

Adentramos aqui o capítulo principal da monografia, que se propõe a analisar a questão da sexualidade dos triângulos rosa nos campos de concentração. Porém, antes de começarmos nossa análise propriamente dita, é interessante proporcionar ao/à leitor/a uma breve introdução sobre como foi a perseguição institucionalizada do nazismo aos homossexuais.

Conforme já indicado, o Parágrafo 175 - que era a legislação discriminatória alemã contra os homossexuais - estava em vigor na Alemanha desde 1871, na ocasião da unificação do país. Porém, no período de 1871 até 1933, mesmo com a existência de tal lei, esta não era aplicada e os homossexuais, tanto homens quanto mulheres, viviam um cotidiano de abertura e liberdade no país, que teve seu auge no período da República de Weimar (1919-1933). Nesta época, Berlim foi considerada a “capital gay” de toda Europa, com inúmeros bares e boates voltados para o público que desejava relacionar-se homoafetivamente, dentre eles, o mais conhecido era a Boate Eldorado, frequentada por homens e mulheres. Já o Clube Violetta, também muito conhecido, era frequentado somente por mulheres. Apesar da intensa recessão econômica e de um período de crise, a Alemanha floresceu artisticamente, com Thomas Mann, autor de “Morte em Veneza” (1912), ganhando o Prêmio Nobel de Literatura, e a bissexual Marlene Dietrich alcançando o estrelato com sua cartola e seus terninhos finamente cortados.

Pessoas de toda a Europa vinham para Berlim vivenciar tamanho clima de liberdade e abertura. O escritor gay britânico Christopher Isherwood (1904-1986), por exemplo, mudou-se para Berlim nos anos 1920 para vivenciar este cotidiano. O período que ali viveu inspirou o romance autobiográfico “Christopher and His Kind”<sup>41</sup>, um de seus maiores sucessos, que acabou sendo adaptado para um filme para a TV produzido pela BBC em 2011<sup>42</sup>. Para aprofundamento acadêmico acerca deste aspecto em específico, há o livro do historiador estadunidense Robert M. Beachy, “Gay Berlin”<sup>43</sup>.

Em Berlim também estava localizado o “Instituto para o Estudo da Sexualidade”, de grande referência à época, comandado pelo médico e cientista Magnus Hirschfeld, judeu e homossexual. Considerado pioneiro na defesa dos direitos dos homossexuais, foi um grande ativista pela revogação do Parágrafo 175.

---

<sup>41</sup> ISHERWOOD, C. **Christopher and His Kind**. Nova York: Farrar Straus & Giroux, 1976.

<sup>42</sup> A ficha técnica pode ser conferida em: <<https://goo.gl/GnFReL>>. Acesso em: 19 de out. 2018.

<sup>43</sup> BEACHY, R. **Gay Berlin: Birthplace of a Modern Identity**. Nova York: Vintage Books, 2014.

Imagem 5 - Charge política retratando o ativismo de Magnus Hirschfeld



Datada de 1907, a charge retrata Magnus sob um banner que diz “Fora Parágrafo 175!”. Local de publicação original desconhecido. Disponível em: <<https://goo.gl/n4xLPP>>. Acesso em: 20 de out. 2018.

Tal realidade mudou em 1933, com a ascensão dos nazistas ao poder. Estes rapidamente mostraram que não estavam dispostos a fazer vista grossa ao Parágrafo 175 e imediatamente o colocaram em prática: fecharam todas as boates e clubes gays da Alemanha, e uma fuga massiva de gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros rapidamente começou. Christopher Isherwood e Marlene Dietrich, citados anteriormente, fugiram da Alemanha e fixaram residência nos Estados Unidos. Uma das primeiras ações do regime foi invadir e destruir o instituto de pesquisas de Magnus Hirschfeld, que não voltou mais à Alemanha, exilando-se na França e lá falecendo em 1935.

Imagem 6 - Boate Eldorado antes e depois da ascensão do nazismo, em Berlim



Fonte: <<https://goo.gl/T82RjZ>>. Acesso em: 19 de out. 2018.

Podia-se dizer que a posição dos nazistas era contraditória, visto que um de seus mandatário-chefes era homossexual. Ernst Röhm, comandante das tropas de assalto nazistas (SA), estava no partido desde sua fundação, em 1919. Adolf Hitler sabia da orientação sexual de seu comandado, que era assumido. A respeito disso, declarou: “A vida pessoal dele não pode ser objeto de escrutínio, a menos que conflite com os princípios básicos da ideologia do nacional-socialismo.”<sup>44</sup> Tal fato fez com que muitos homossexuais se sentissem seguros, visto que havia “um dos seus” no mais alto escalão nazista, o que levou à falsa sensação de segurança de que não seriam majoritariamente afetados.

Porém, os altos generais de Hitler pareciam não concordar com seu *Führer*, como Walther von Brauchitsch, comandante-em-chefe da Wehrmacht (1938-1941): “Rearmamento é algo sério e militarmente importante demais para ser deixado nas mãos de bandidos e homossexuais, como o capitão Röhm.”<sup>45</sup> Heinrich Himmler, comandante-em-chefe da SS<sup>46</sup>, também nutria imenso desprezo pelo comandante da SA, como também para com a homossexualidade<sup>47</sup>. Formaram-se ares de conspiração.

<sup>44</sup>PLANT, R. **The Pink Triangle - The Nazi War Against Homosexuals**. New York: Henry Holt, 1986, p. 61, tradução nossa (todas as traduções subsequentes nesta monografia são de minha responsabilidade).

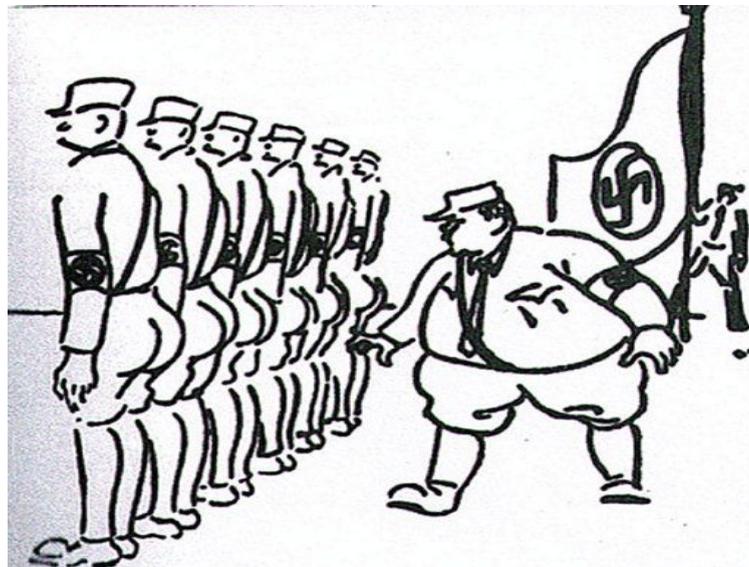
<sup>45</sup>Ibid., p. 63.

<sup>46</sup>Sigla de *Schutzstaffel*, em português “tropas de proteção” do Partido Nazista. Inicialmente criadas para serem a guarda pessoal de Hitler, estas substituíram a SA e formaram uma tropa de homens racialmente selecionados e disciplinados, que viriam a ser os guardas dos campos de concentração e dos guetos judaicos, por exemplo. Órgãos como a Gestapo (Polícia Secreta) e o *Einsatzgruppen* (esquadrões da morte de minorias étnicas nos países ocupados pela Alemanha Nazista) também faziam parte da SS.

<sup>47</sup>São muito conhecidas as citações de Heinrich Himmler a respeito das “ameaças” da homossexualidade. Destaca-se um excerto no qual ele considera vital o extermínio dos homossexuais para a continuidade da nação alemã: “É essencial perceber que se nós permitirmos que essa infecção continue na Alemanha sem podermos

Em 1934, ocorre a “Noite das Facas Longas”. Considerado o primeiro grande expurgo do Partido Nazista, Ernst Röhm foi assassinado e a SA, extinta, dado o temor do partido com o crescente poder que a organização paramilitar vinha adquirindo. A sexualidade de Röhm também foi um fator determinante para o ocorrido, visto a imensa chacota que isso causava dentro e fora do Partido Nazista. Em 1935, com o advento das Leis de Nuremberg, código jurídico imposto pela Alemanha Nazista, o Parágrafo 175 foi endurecido com uma cláusula que previa que todo e qualquer “sodomita” poderia ser condenado a até 10 anos de trabalhos forçados.<sup>48</sup> Era assim, então, inaugurada a perseguição institucional e consequentemente a deportação de homossexuais para campos de concentração e extermínio, onde, marcados pelo triângulo rosa, muitos morreram devido a sua orientação sexual.

Imagem 7 - Charge antinazista satiriza a sexualidade de Röhm



---

combatê-la, será o fim do nosso país, do mundo germânico. Infelizmente, esta não é a simples questão que era para nossos antepassados. Para eles, os poucos casos isolados eram simplesmente anormalidades; eles os afogaram nos pântanos. Aqueles que achavam corpos no lodo não sabiam que em 90% dos casos se achavam cara a cara com um homossexual que havia sido afogado com todos os seus pertences. Isso não era nenhum castigo, mas a simples eliminação dessa anormalidade particular. É vital nós nos libertarmos deles; como erva daninha, temos que os arrancar, temos que os lançar ao fogo e queimá-los. Isso não parte de um espírito de vingança, mas da necessidade; essas criaturas devem ser exterminadas.” Disponível em: <<https://goo.gl/CA3T2u>>. Acesso em: 21 de nov. 2018.

<sup>48</sup>As chamadas Leis de Nuremberg, como ficou conhecida a legislação instituída pelo nazismo em 1935, tinha como missão “proteger o sangue e a honra alemã”. Foi este conjunto de leis que embasou juridicamente a perseguição aos judeus e a outros grupos na Alemanha e nos países ocupados, mediante a justificativa de “proteção” aos alemães “de sangue” de costumes “impuros”. Nesta ocasião o Parágrafo 175 tornou-se ainda mais repressivo, quando sequer precisava haver contato sexual entre dois homens para ocorrer uma condenação. No segundo julgamento de Rudolf Brazda, os juízes justificam sua pena mediante a nova lei: “não somente a luxúria entre dois homens representa um delito extremamente repugnante e abominável como também as práticas sexuais lascivas entre pessoas do mesmo sexo, e sobretudo entre homens, mostram-se muito perigosas no quadro político e social”. In: SCHWAB, J. L.; BRAZDA, R. **Triângulo Rosa – um homossexual no campo de concentração nazista**. São Paulo: Mescla, 2011, p. 99.

Esta charge, intitulada “Röhm inspeciona o desfile da SA”, foi originalmente publicada no jornal satírico do Partido Comunista Alemão, chamado “Pimenta Vermelha” (data desconhecida). A homossexualidade não era bem quista tanto nos setores de esquerda quanto nos de direita. Retirado de: <<https://goo.gl/8JxqCj>>. Acesso em: 20 de out. 2018.

## 2.1 O testemunho de Josef Kohout - KZ<sup>49</sup> de Sachsenhausen e Flossenbürg.

Josef Kohout nasceu em 24 de janeiro de 1915, filho mais velho dentre quatro em uma família “pequeno burguesa de estrita moral católica”<sup>50</sup> de Viena, Áustria. Seu pai era um alto funcionário público do Estado, enquanto que sua mãe era dona de casa. Amalia Kohout sabia da sexualidade do filho mais velho e o aceitou completamente, o que muito confortou a Josef.

Na obra analisada, ele não se detém acerca de detalhes sobre sua infância e adolescência, apenas lembra a estrita e rigorosa educação dada pelos pais, o conforto que sentia nas confidências à mãe, as amizades femininas e o sentimento que nutria por rapazes de sua idade. Conheceu seu primeiro amor na universidade, em 1938: um moço chamado Fred, a quem ele descreve como o grande amor de sua vida.<sup>51</sup> Este moço, de corpo atlético e esbelto que desejava ser médico, era filho de um oficial nazista de alta patente, que muito provavelmente acabou descobrindo as cartas de amor que Josef trocava com Fred, além de uma foto em que ambos posavam abraçados um ao outro. Esse material acabou chegando às mãos da Gestapo, que prendeu Josef na carceragem de Liesl, na Rossauerlände Strasse, em Viena. Lá, de acordo com seu relato, sofreu tentativas de abuso sexual de outros prisioneiros “comuns” (detidos por delitos como roubos, assassinatos etc.), que tentaram estuprá-lo seguidamente, visto que foi colocado em uma cela compartilhada.

No dia do julgamento, Josef acabou sendo condenado a seis meses de prisão por infração do Parágrafo 175. Por ser filho de um alto oficial nazista, Fred não sofreu nenhuma condenação, tendo sido classificado no julgamento como ‘mentalmente perturbado’, ou seja, sem controle de suas ações: “nunca soube se a Gestapo também interrogou Fred, nem o vi no tribunal. Em juízo sempre se referiam a ele como ‘segundo acusado’, sem mencionar seu nome. Desapareceu de minha vida, e nunca mais voltei a vê-lo.”<sup>52</sup>

---

<sup>49</sup>Abreviação para *Konzentrationslager*, termo em alemão para designação dos campos.

<sup>50</sup>HEGER, H. **Hombres del triângulo rosa – memorias de un homosexual en los campos de concentración nazis**. Madri: Amaranto Editores, 2016, p. 18.

<sup>51</sup>Ibid., p. 20.

<sup>52</sup>Ibid., p. 27.

Apesar da condenação, acabou cumprindo sua pena em outra carceragem, na prisão do Distrito I de Viena. Lá, segundo ele, o tratamento era mais humano: lhe foi designada uma cela individual e o trato com os presos não era cruel. Porém, sua sorte durou pouco: ao fim de sua pena, a Central de Segurança do Reich exigiu que permanecesse sob custódia, o transferiu de volta para a prisão de Liesl para então aguardar um transporte coletivo para um campo de concentração. Josef Kohout tinha somente 24 anos quando chegou a Sachsenhausen, em 1940.

### **2.1.1 KZ de Sachsenhausen**

O campo de Sachsenhausen localizava-se na cidade de Oranienburg, a aproximadamente 35 km de Berlim. Esteve em atividade sob comando nazista de 1936 a 1945, quando chegaram as tropas soviéticas, que também utilizaram o campo para aprisionar dissidentes políticos como prisioneiros alemães, anticomunistas e colaboradores nazistas. O campo foi definitivamente desativado somente em 1950.

É a este local que Josef chegou em janeiro de 1940. Já no transporte para o campo, sofreu abusos sexuais dos prisioneiros que compartilhavam o mesmo vagão, que introduziram seus órgãos genitais à força em sua boca, repetidas vezes. Na chegada ao campo, recebeu o triângulo rosa, que reparou, era três centímetros maior que os demais triângulos, para que assim os homossexuais pudessem ser melhor reconhecidos de longe.<sup>53</sup> Além dos habituais insultos e pancadas que recebia ao ser identificado como homossexual, ele logo percebeu que deveria fazer o possível para manter-se longe da enfermaria, visto que os triângulos rosa eram os preferidos para serem submetidos aos experimentos médicos, dos quais praticamente nenhum saía vivo.

Josef acabou sendo designado para o trabalho de construção de um campo de tiro para a SS no campo. Porém, os guardas da SS não aguardaram o campo de tiro estar pronto para praticarem, e começaram a utilizá-lo com os prisioneiros trabalhando na obra. Os triângulos rosa eram os principais trabalhadores ali, e conseqüentemente, os que mais perderam a vida durante a construção, abatidos pelos tiros da SS. Em muitas ocasiões, prisioneiros que trabalhavam ao seu lado foram abatidos com tiros certos dos guardas, que entreteram-se enormemente: “deve ter sido muito divertido para os guardas usar os prisioneiros triângulos

---

<sup>53</sup> Ibid., p. 39.

rosa como zumbis: agora lhes servíamos como objetos de caça maior.”<sup>54</sup> Porém, rapidamente veio a oportunidade para que pudesse sair do campo de tiro e escapar de uma morte certa. Como nos campos de concentração e extermínio havia a rígida separação entre prisioneiros de sexos diferentes, os prisioneiros notáveis, os *kapos*<sup>55</sup>, procuravam amantes entre seus próprios subordinados do sexo masculino:

Logo, um dos *kapos*, um verde, me ofereceu o trabalho para carregar os carrinhos de mão com terra, sem ter de levá-los ao campo de tiro, se me convertesse em seu amante e atendesse seus desejos sexuais. Assim minha vida não estaria na roleta russa do campo de tiro sob as balas da SS. Após um breve titubeio, aceitei a oferta: **minha vontade de viver era mais forte que qualquer compromisso moral com a decência e a integridade de caráter.** Que me condene quem quiser: a visão dos companheiros abatidos ou feridos no campo de tiro havia surtido um efeito demasiado grande em mim. Ademais tinha medo, um medo terrível. Por quê não iria me aproveitar dessa oportunidade para salvar a vida, **mesmo que fosse me degradando como ser humano?**<sup>56</sup>

Esta foi a primeira experiência sexual de Josef Kohout em um campo de concentração, e nota-se que sua percepção acerca desta não é das mais positivas e elogiosas. Em meados de maio do mesmo ano, acabou sendo transferido para outro campo, descrevendo que a despedida de seu *kapo* foi breve, cordial e isenta de sentimentalismos - diferentemente de suas relações posteriores, que veremos a seguir. De sua parte, sentiu-se triste em deixar seu *kapo* apenas por estar perdendo as vantagens que obteve ao unir-se a ele:

Em certo sentido, lamentava-me de partir, visto que os últimos dias de minha vida tinham se tornado quase suportáveis graças às relações sexuais com meu *kapo*. Consegui-me furtivamente mais comida, e graças à sua ajuda me designaram a trabalhos mais rápidos e menos perigosos. A despedida de meu *kapo* foi breve e

---

<sup>54</sup> Ibid., p. 55.

<sup>55</sup> A origem da palavra é incerta e controversa, tendo traduções do alemão, italiano e francês, porém, em todas refere-se à liderança. Os *kapos* eram prisioneiros designados pela SS como chefes de barracão, no qual encarregavam-se da ordem e da disciplina de um determinado grupo de prisioneiros. Era uma função de privilégio e os prisioneiros que a exerciam eram conhecidos pelo uso excessivo da violência, com raras exceções. O cargo era exercido majoritariamente pelos verdes (cor do triângulo utilizada pelos prisioneiros que eram criminosos ‘comuns’, como homicidas, estelionatários, assaltantes etc.) e em menor grau pelos vermelhos (políticos) e marrons (ciganos). Era praticamente impossível que os amarelos (judeus) ou rosas (homossexuais) chegassem ao cargo de *kapo*, pois eram considerados as categorias mais baixas nos KZ. Josef Kohout é o único triângulo rosa de que se têm documentado que chegou ao cargo de *kapo*.

<sup>56</sup> Ibid., p. 55-56, grifos meus.

pouco emotiva. Nos apertamos as mãos, me disse que sentia por mim e eu lhe agradei. Havia terminado uma amizade de conveniência para ambos.<sup>57</sup>

O breve relacionamento de Josef com um *kapo* de Sachsenhausen lhe mostrou o quão vantajosas poderiam ser estas “amizades”, que se desenvolveram de maneira ainda mais intensas no campo para o qual foi transferido, como veremos mais detalhadamente a seguir.

### 2.1.2 KZ Flossenbürg

O campo de concentração de Flossenbürg localizava-se 424 km de distância de Berlim, na região da Bavária, no sul da Alemanha, muito próximo à fronteira com a Tchecoslováquia. Josef não cita o momento exato em que lá chegou, mas, tomando como referência sua data de partida de Sachsenhausen e a distância de um campo para o outro, deve ter ingressado em Flossenbürg em meados de junho de 1940. Seu número de matrícula era 1896.

É neste campo que ele conheceu um SS que dava certos indícios de benevolência para com os prisioneiros homossexuais, livrando-os de torturas e humilhações, porém, restringindo-se a observá-los continuamente:

Olhou-me nos olhos e foi como se um clarão de entendimento tivesse saltado de seu olhar para o meu (...) tinha a sensação instintiva de que eu não era indiferente a ele, que continuava a me notar. Senti que ele era um dos nossos, com a mesma tendência sexual dos prisioneiros que levavam o triângulo rosa (...) em 1941, se apresentou como voluntário para ir à frente russa e desapareceu de nossas vidas para sempre.<sup>58</sup>

Porém, este SS foi uma exceção em Flossenbürg. O comandante do campo, descrito por Josef como uma “besta repugnante”<sup>59</sup>, tinha nos triângulos rosa suas presas favoritas para todo tipo de torturas e humilhações. Toda e qualquer infração cometida por um prisioneiro homossexual, por mínima que fosse, era punida com açoites no “potro”, uma espécie de cavalo de pau onde o prisioneiro era amarrado de quatro com as nádegas nuas para receber dezenas de chicotadas. O comandante sempre fazia questão de estar presente nas sessões de tortura. Quanto mais o prisioneiro gritava, maior era sua satisfação:

---

<sup>57</sup>Ibid., p. 56.

<sup>58</sup>Ibid., p. 60-61.

<sup>59</sup>Ibid., p. 68.

O comandante não saiu em nenhum momento e contemplou a execução com interesse mais que evidente: cada vez que era dada uma chicotada, seus olhos se incendiavam, e ao cabo de uns quantos golpes todo o seu rosto estava vermelho de excitação e luxúria. Estava com as duas mãos dentro da calça e todos podíamos observar que estava se masturbando, sem tampouco se importar com nossa presença.<sup>60</sup>

Além das torturas e humilhações, o que infelizmente era comum para os triângulos rosa, outra situação corriqueira se fez presente logo na chegada ao novo campo: os *kapos* em busca de amantes. Vejamos:

Um guarda nos conduziu ao nosso barracão, e uma vez ali, nos entregou ao chefe de bloco da SS. Este fez com que ficassemos de pé durante um bom tempo, enquanto um grupo de oito ou dez *kapos* se juntava ao nosso redor e nos examinava com detenimento. Eu já não era tão ingênuo para não saber o motivo de um grupo de notáveis nos observar desta maneira: buscavam novos amantes entre os recém chegados. **Como eu não tinha muita barba** (mesmo a ponto de completar 25 anos) **e aparentava ser mais jovem do que era**, havia me recomposto um pouco graças às rações adicionais de comida que meu *kapo* de Sachsenhausen me conseguia, estava na mira dos *kapos*, que circulavam ao nosso redor. Dei-me conta de seu especial interesse pelos comentários abertos que faziam. Parecia que os cinco novatos haviam aterrissado no mercado de escravos da Roma antiga.<sup>61</sup>

Analisemos com mais atenção os trechos grifados da citação anterior: Josef se encontrava em vantagem de ser escolhido por não possuir barba e por ser jovem, o que o aproximava a uma condição vista como mais “feminina” pelos *kapos* que procuravam por amantes entre os recém-chegados. Veremos o mesmo padrão nos próximos relatos, onde a aparência afeminada de um prisioneiro jovem e considerado atraente era extremamente visada pelos “notáveis”.

Josef então aceitou prontamente o convite de um *kapo* alemão, um triângulo verde, notório na prática de arrombar caixas fortes e também por sua brutalidade no trato para com os

---

<sup>60</sup>Ibid., p. 68.

<sup>61</sup>Ibid., p. 58-59, grifos meus.

prisioneiros, o que era comum aos *kapos*. Porém, com seu amante homossexual, era “bondoso e considerado”.<sup>62</sup> Graças ao seu relacionamento com o *kapo*, conseguiu um trabalho menos duro em um canteiro de obras dentro do campo, onde se projetavam as grandes construções de engenharia arquitetadas por Adolf Hitler, como as autopistas que existem até hoje na Alemanha. Ainda assim, descreve que o trabalho era árduo, e que não teria conseguido o suportar sem as rações suplementares de comida que seu *kapo* lhe conseguia. Porém, graças ao bom relacionamento que travou com seu amante, ele não tardou em lhe conseguir um posto melhor, e em duas semanas, Josef deixou o canteiro de obras para tornar-se secretário, sem mais passar por trabalhos braçais nem correr risco iminente de vida. O triângulo rosa pondera:

O único motivo pelo qual obtive o posto de secretário se deu porque havia superado o período de teste como amante do *kapo* do bloco, e ademais, sem chamar a atenção. O período de teste não consistia tanto no tempo mais ou menos prolongado passado na companhia íntima de meu amigo, mas sim no convencimento deste em meu silêncio e discrição.<sup>63</sup>

É importante reforçar que relações sexuais entre prisioneiros eram absolutamente proibidas dentro dos campos de concentração, ainda mais entre pessoas do mesmo sexo. As penas para quem fosse pego cometendo tal delito era a pena de morte. Porém, a SS possuía ciência dos relacionamentos travados entre os *kapos* e outros prisioneiros - nos quais os triângulos rosa eram os preferidos - mas faziam vista grossa, contando que houvesse máxima discrição acerca de tais relações. A SS não tinha interesse em exercer o trabalho sujo feito pelos *kapos*, de lidar diretamente com os prisioneiros, portanto, concediam esse “privilégio” a eles, com a contrapartida de que se mantivesse o resguardo.

Para os *kapos*, era vital manter esses relacionamentos resguardados não somente pelo decoro frente aos SS, mas também pelas rivalidades e disputas internas entre os prisioneiros notáveis dentro do campo. Os verdes eram os que mais exerciam postos de liderança nos blocos e barracões, mas sua hegemonia era ameaçada pelos vermelhos (políticos), que se valiam de qualquer deslize dos verdes para denunciá-los à administração do campo e assim conquistar os postos - e por consequência os privilégios - que antes eram destes. Josef

---

<sup>62</sup>Ibid., p. 59.

<sup>63</sup>Ibid., p. 64.

descreve que os vermelhos o procuravam seguidamente perguntando sobre sua relação com seu *kapo*, com questionamentos do tipo: “é grande? fazem todos os dias? ele é carinhoso com você?”<sup>64</sup>

Ciente dessas artimanhas na disputa pelo poder entre os “notáveis”, Josef manteve máxima discrição acerca de seu relacionamento. Dava respostas vagas, do tipo: “Se queres tanto saber, por quê não pergunta a ele? Não sei do que estás falando”. A lealdade do triângulo rosa ao seu *kapo* chegou aos ouvidos dele, afinal, as redes de solidariedade entre os verdes faziam com que logo soubessem das armadilhas dos vermelhos. Agradeceu-lhe conseguindo o cargo de secretário para seu amante, posto que era praticamente inalcançável para prisioneiros homossexuais, visto que estes recebiam os piores trabalhos e o pior tratamento nos campos. Josef recorda com carinho as palavras de seu *kapo*:

“És um pedaço, garoto - disse-me benevolente, me dando um tapa forte nas costas - gosto de você, e gosto mais ainda de ti por isso, embora eu prefira uma menininha<sup>65</sup>.” Essa confissão de amor grosseira (...) me fez sentir certa alegria, e sobretudo, me deu a sensação de estar protegido. Desde esse dia me senti muito unido a ele.<sup>66</sup>

Essa foi a primeira ocasião em que o triângulo rosa e seu amante expressam certo sentimento um pelo outro. Primo Levi (1919-1987) em suas principais obras<sup>67</sup> relata o processo de desumanização pelo qual as pessoas passavam ao adentrar em um campo de concentração e extermínio, onde sentimentos como solidariedade e amor verdadeiros eram praticamente impossíveis de existirem, devido às humilhações constantes impostas pelas condições extremas de sobrevivência, na qual os próprios oprimidos poderiam matar-se uns aos outros por um pedaço de pão. Porém, Josef e seus *kapos* de Flossenbürg desenvolveram

---

<sup>64</sup>Ibid., p. 65.

<sup>65</sup>É muito importante frisar que, mesmo mantendo relações sexuais com os triângulos rosa, os *kapos* não eram vistos como homossexuais, sequer como bissexuais - e pode-se aferir que muitos o eram. Só era visto como gay o homem que se deixava penetrar por outro e/ou que assumia um “comportamento” do gênero. No contexto do campo de concentração, onde por muito tempo não haviam mulheres, um *kapo* utilizar-se de sua posição para ter um amante homossexual era visto como uma situação excepcional justificável para saciar uma necessidade, não como indicativo de uma possível condição homossexual ou muito mais provavelmente bissexual. Essas categorias de “homem” e “bicha” são muito bem discutidas por Peter Fry em seu trabalho antropológico realizado no Brasil dos anos 1970, intitulado “Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil”. In: Para inglês ver - identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

<sup>66</sup>Ibid., p. 66.

<sup>67</sup>LEVI, P. **Os Afogados e os Sobreviventes - os delitos, os castigos, as penas, as impunidades**. São Paulo: Paz e Terra, 2016; **É Isto Um Homem?** São Paulo: Rocco, 1988.

um sentimento que transpassava a simples relação de conveniência, na qual através do uso de apelidos, gestos e confissões, expressavam um sentimento mútuo de carinho e proteção. Tais fatos demonstram a diversidade memorial da experiência concentracionária de prisioneiros do Holocausto, que vão desde uma visão extremamente negativa de sua vivência - caso de Primo Levi - até uma onde era possível ter, mesmo num campo de concentração, sentimentos amorosos para com alguém que era tido como o algoz, como é o caso de Josef Kohout, que se afeioou a alguns de seus *kapos*. Aqui também podemos pontuar outra questão sensível da experiência de Josef Kohout: o sentimento e o desejo por pessoas que eram conhecidas e temidas por sua crueldade e violência para com os demais prisioneiros, tidos por muitos como colaboradores do nazismo naqueles locais. Não é de surpreender que, na ocasião da libertação de muitos campos de concentração e extermínio, os prisioneiros partiram com violência contra os *kapos* que não conseguiram fugir. Este é, sem dúvida, um dos pontos mais sensíveis de seu testemunho.

Foi com este relacionamento que Josef chegou a um posto antes inacessível para triângulos rosa. Porém, teve que provar que o merecia, demonstrando adequar-se às regras de conduta estabelecidas informalmente pelos próprios prisioneiros. Inserir-se de maneira exitosa nas relações hierárquicas dentro dos KZ poderia significar a diferença entre a vida e a morte, segundo Primo Levi:

E se alguém, por um milagre de sobrehumana paciência e astúcia, encontrar um novo jeito para escapar ao trabalho mais pesado, uma nova arte que lhe propicie uns gramas de pão a mais, procurará guardar seu segredo, e por isso será apreciado e respeitado, e disso tirará uma própria, exclusiva, pessoal vantagem; ficará mais forte, e portanto será temido, e quem é temido é, só por isso, candidato à sobrevivência.<sup>68</sup>

A primeira relação de Josef em Flossenbürg durou vários meses, e rompeu-se com a promoção de seu *kapo*, que foi alçado ao posto de decano do campo, tendo assim que transferir-se de bloco. Para não chamar a atenção, afinal, para encontrar seu amante, Josef teria de deslocar-se constantemente pelo campo, decidiram romper a relação, o que causou sofrimento ao triângulo rosa:

---

<sup>68</sup>LEVI, P. *É Isto Um Homem?* São Paulo: Rocco, 1988, p. 129.

A última vez que mantivemos relações íntimas, ao despedir-se de mim, me explicou os motivos de nossa separação, e **eu me senti muito comovido e triste**. Ele, no entanto, me assegurou que sempre estaria agradecido por minha lealdade, e sobretudo por meu silêncio, **que seguiria me protegendo** e que **poderia contar em todo momento com sua ajuda. Romper com ele me resultou muito difícil.**<sup>69</sup>

O *kapo* cumpriu sua promessa e seguiu ajudando seu antigo amante mesmo após a separação. Em uma ocasião, muitos meses depois, Josef foi penalizado pelo comandante do campo - que não aceitava ver um triângulo rosa em posição de comando - a ser pendurado pelos dois braços em um poste, um tipo de tortura muito conhecido por matar os prisioneiros de forma lenta e agonizante. Prestes a ser içado, Josef foi salvo por seu antigo *kapo*, que interveio em seu favor.

Findado o relacionamento, não demorou muito para que outro *kapo* se interessasse em tê-lo como amante - ou melhor, outros, no plural. Ele relata como foi estabelecida a “transação de compra” dele entre os *kapos* que o disputavam:

Ele [antigo *kapo* de Kohout] havia lhes relatado que eu era discreto e também o quão boa era a experiência na cama, então três *kapos* me desejavam como amante e disputaram meus serviços [...] a disputa durou dois dias. Na noite do segundo dia, um *kapo* da minha brigada de trabalho me revelou que havia me comprado e seria meu próximo amante. Era um cigano húngaro, conhecido por todo o campo pelo seu exitoso comércio no mercado negro, tendo sempre dinheiro de sobra. Para conseguir ficar comigo a única coisa que fez foi subornar com dinheiro os outros dois pretendentes para que se retirassem do jogo e assim não surgisse nenhuma disputa entre eles [...] ele tinha lábios carnudos e olhos escuros, que ardiam em chamas quando fazíamos amor e se enchiam de ódio quando ficava com ciúmes - e sentia um ciúme imenso de qualquer homem que se aproximasse de mim. A cabo de uns poucos dias já estava loucamente apaixonado por mim e me conseguia qualquer desejo de roupa ou comida que saísse de meus lábios.<sup>70</sup>

Apesar da linguagem utilizada pelo autor, que demonstra querer se sobrevalorizar neste e em outro momento posterior - quando descreve a ameaça de uma disputa entre *kapos* por tê-lo como amante - o trecho anterior exemplifica a relação de poder e submissão destas

---

<sup>69</sup>Ibid., p. 77-78, grifos meus.

<sup>70</sup>Ibid., p. 78-79.

“uniões”, na qual Josef foi comprado como se fosse uma mercadoria e agora era a posse de seu *kapo*, que tinha intenso ciúme dele. E claro, para agradar seu amante, lhe conseguia seus desejos dos mais variados itens de primeira necessidade.

O relacionamento com o *kapo* cigano, assim como o anterior, também foi muito bem sucedido. A brigada de trabalho à qual pertenciam foi transferida, durante algum tempo, para uma obra fora do campo, num hospital para a SS em Würzburg, a 233 km de Flossenbürg. Este hospital era administrado por freiras católicas, que ofereceram um tratamento completamente luxuoso para os prisioneiros, que se sentiram numa colônia de férias. O ex-*kapo* de Josef se encarregou de que este estivesse no transporte, para mantê-lo distante do comandante do campo que arrumava qualquer desculpa para torturá-lo. Seu *kapo* cigano também investiu por sua ida, desejoso de ter seu amante por perto. Sobre a estadia em Würzburg, o triângulo rosa descreve: “Posso dizer que passei uns dias bastante apreciáveis com meu *kapo* cigano, e noites bastante mais agitadas também.”<sup>71</sup>

Porém, o relacionamento não durou muito: poucas semanas após sua chegada, Josef foi chamado de volta a Flossenbürg, com a justificativa de que o secretário colocado em seu lugar não estava correspondendo ao esperado e o setor havia ficado completamente desorganizado. Mas, na verdade, foi uma artimanha de um *kapo* para tê-lo de volta sem seu amante cigano por perto e assim conseguir o triângulo rosa para si. Tratava-se de um dos dois *kapos* que haviam disputado o triângulo rosa com o cigano há pouco tempo atrás.

Sem ter seu amante por perto, não tinha como proteger-se das investidas do *kapo*, que poderia vingar-se caso rejeitasse suas investidas. Temendo por sua vida, aceitou tê-lo como seu novo amante. Claro, todos sabiam que o *kapo* cigano voltaria algum dia, e já corria a boca solta entre os prisioneiros notáveis que uma disputa entre os dois se travaria por causa do amante homossexual. Mas o retorno não foi como todos imaginavam: ele voltou após sofrer um acidente de trabalho na construção do hospital, ficando praticamente imobilizado. Josef entrou em desespero ao saber da situação e convenceu o decano do campo, seu antigo amante, a visitar seu *kapo* cigano na enfermaria. Com muita resistência, visto que os SS poderiam suspeitar dessa ocasião, o decano concordou que ele fosse rapidamente visitá-lo, disfarçado como enfermeiro. O triângulo rosa narra com muito carinho a ocasião:

---

<sup>71</sup>Ibid., p. 96.

“Olá, Stefan. Podes me ouvir? Estou muito preocupado contigo”. Abriu os olhos, que brilharam de alegria ao voltar a me ver. Não podia falar. Ainda assim, minha visita surpresa lhe comoveu tanto que caíram as lágrimas. Queria acariciá-lo, mas como ele tinha as mãos e o torso enfaixados, juntei suas pernas e apoiei a mão em uma de suas coxas. Não deixou de me observar com os olhos chorosos pelos mais de cinco minutos que permaneci sentado a seu lado. Era evidente que queria me dizer algo, mas não podia falar, nem sequer mexer a cabeça. Ao ir embora, lhe dei um beijo de despedida na testa vendada e lhe disse: “Não posso ficar mais. Só quero assegurar que cuidaremos para que te recuperes. Os notáveis querem a todo custo que sobrevivias. Adeus Stefan, espero que te recuperes logo. E obrigado por tudo.”<sup>72</sup>

O *kapo* cigano sobreviveu, e após recuperado, voltou para Würzburg a mando do decano do campo, que queria a todo custo evitar um duelo entre os *kapos* pelo triângulo rosa. Os arranjos feitos pelo decano para evitar qualquer conflito também comoveram - e aliviaram - Josef. Por fim, seu antigo *kapo* regressou ao campo findada a obra em Würzburg, mas, com o bordel funcionando dentro de Flossenbürg - discutiremos o fato mais adiante - encontrou lá uma prostituta cigana e não mais teve relações homossexuais. Porém, seguia sendo muito amável com seu antigo amante: “quando me via sozinho, me dava um forte tapa na bunda e me dizia com voz profunda, com seu forte sotaque húngaro: ‘és louco, garoto!’.”<sup>73</sup>

Pouco tempo após o episódio, chegou ao campo um novo sargento da SS, que ficaria responsável pela brigada de trabalho da qual Josef fazia parte. Ao perguntar de maneira desdenhosa de onde este vinha, o triângulo rosa cometeu um deslize ao responder “Áustria”, e não “Marca Oriental”, como os nazistas haviam rebatizado o país após a *Anschluss*.<sup>74</sup> Por isso, Josef foi condenado a três dias seguidos de solitária, sem luz, água ou comida e nem sequer poder movimentar-se. Quando chegou à carceragem, felizmente seu amante já havia subornado o *kapo* responsável, então pôde cumprir a pena numa cela comum, com água e comida. O notável também se encarregou de que a SS não lhe fizesse nenhuma “visita”, pois como o triângulo rosa pôde constatar, seus companheiros de infortúnio também presos ali, homossexuais como ele e que não possuíam nenhum “amigo”, não tiveram a mesma sorte, e foram torturados até a morte pelos nazistas, o que muito o impactou psicologicamente e

---

<sup>72</sup>Ibid., p. 98.

<sup>73</sup>Ibid., p. 99.

<sup>74</sup>Termo em alemão cuja tradução pode ser definida como anexação e seus sinônimos. É usado para designar a incorporação da Áustria à Alemanha em 1938, validada por um referendo que contou com majoritária aprovação da população austríaca.

novamente demonstrou a importância de se ter “amizades” dentro da hierarquia de poder no campo. Em seu terceiro e último dia de carceragem, o decano do campo, seu primeiro amante, foi buscá-lo em pessoa. Notando a depressão que havia tomado conta de seu ex-amante, este o consolou: “Não fique assim, garoto, acalme-se. Acredite em mim, em breve chegará o dia em que pagarão por tudo que estão nos fazendo. E quanto ao novo bastardo SS da tua divisão, deixe que eu cuido dele [...]”, disse-me. Logo me deu um beliscão no bumbum e se despediu.”<sup>75</sup>

Como *kapo* da secretaria da fábrica de armamentos do campo, visando uma melhor integração de seus subordinados ao trabalho - cuja grande maioria era composta por prisioneiros poloneses<sup>76</sup> -, Josef substituiu as listas de checagem, anteriormente em alemão, por sistemas de numeração, que eram entendidos por prisioneiros de todas as nacionalidades. Graças ao novo sistema que desenvolveu, a organização tornou-se mais eficiente e a produtividade subiu. O sistema deu tão certo que chegou ao conhecimento de Albert Speer, ninguém menos que o Ministro do Armamento do Reich e Arquiteto-chefe do regime nazista, que rapidamente mandou implementá-lo em todos os campos de concentração. Então, Josef foi promovido ao posto de *kapo* da fábrica de armamentos, o único triângulo rosa de que se tem notícia que chegou a tal patamar, visto que aos homossexuais e também aos judeus estava vedado qualquer privilégio deste tipo. Obviamente, o comandante SS do campo, que muito odiava os homossexuais - e em especial a Josef, que agora era um notável - ficou furioso com a promoção, mas nada podia fazer, pois até Heinrich Himmler, o chefe da SS e segundo homem no Terceiro Reich, havia dado em pessoa ordens expressas de que se preservasse tal prisioneiro (note-se que Himmler também odiava aos homossexuais e era grande partidário de seu extermínio, conforme já descrito neste estudo). Não havia outra alternativa a não ser deixar o triângulo rosa em paz, e finalmente Josef esteve livre das perseguições, ameaças e humilhações, pelo menos em sua frente. Aos seus subordinados da SS, o comandante do campo continuava referindo-se a ele como “o *kapo* puto e viado, com a graça de Himmler”.<sup>77</sup>

---

<sup>75</sup>Ibid., p. 112.

<sup>76</sup>Os prisioneiros poloneses subordinados à Josef eram todos amantes de outros *kapos*, e só estavam naquele trabalho graças aos “amigos” que possuíam. Josef sublinha que nenhum deles era triângulo rosa - e provavelmente nenhum era homossexual. Porém, eram jovens e atraentes - e queriam sobreviver.

<sup>77</sup>Ibid., p. 136.

Como agora era um notável e tinha o resguardo dos mais altos dignitários nazistas, não precisava mais ser amante de nenhum outro *kapo* - na verdade, um relacionamento entre *kapos* não seria bem visto. Portanto, estava livre para, pela primeira vez, escolher e não ser o escolhido: “comecei a me relacionar com outro prisioneiro alemão, um triângulo rosa assim como eu; desta vez, não se tratava de uma relação de conveniência, era autêntica, baseada na compreensão e confiança mútuas. Íamos às mil maravilhas e fomos muito felizes, todo o feliz possível que se possa ser em um campo de concentração.”<sup>78</sup> Seu novo amante, homossexual como ele, era um militar da marinha alemã, a *Kriegsmarine*, e foi pego pela polícia em um banheiro público tendo relações sexuais com outro homem. Tinha 26 anos e era natural de Magdeburg, na Saxônia. Graças à ajuda de Josef, sobreviveu à guerra, tendo sido poupado de ser enviado para a Brigada Dirlewanger da Waffen-SS, para onde iam os soldados alemães pagar penitência por algum tipo de infração grave cometida. Esta divisão era majoritariamente composta por criminosos e assassinos - incluso nazistas dos países ocupados, como os ucranianos - e era encarregada dos piores trabalhos, como conter o avanço dos soviéticos na frente russa e exterminar minorias étnicas nos países ocupados.

A partir de 1943, uma série de revoltas eclode nos campos de extermínio no leste<sup>79</sup> - Treblinka, Sobibor, Auschwitz e Chelmno. Não era segredo para os prisioneiros que a guerra ia de mal a pior para a Alemanha, e visto a aceleração do processo de extermínio dos judeus com a chamada “Solução Final”<sup>80</sup> imposta pelos nazistas, visando liquidar com o máximo possível de seres humanos até o fim do conflito, os prisioneiros destes campos decidiram se rebelar bravamente, mesmo sabendo que morreriam lutando. Visando “acalmar os ânimos” e criar uma distração para os prisioneiros, inúmeros bordéis começam a surgir nos campos de concentração, como no de Flossenbürg. Prisioneiras judias e ciganas vindas do campo feminino de Ravensbrück chegavam para se prostituir forçadamente com a promessa de que, ao fim de 6 meses, seriam libertadas, quando na verdade foram transportadas direto para as câmaras de gás de Auschwitz e substituídas por novas prisioneiras.

---

<sup>78</sup>Ibid., p. 124.

<sup>79</sup>A descrição de cada revolta pode ser encontrada em português no site do United States Holocaust Memorial Museum, disponível em: <<https://goo.gl/fqYD2e>>, acesso em: 05 de nov. 2018.

<sup>80</sup>Termo como ficou conhecida a estratégia elaborada na Conferência de Wannsee, em Berlim no início de 1942, com os altos dignitários nazistas presentes. O objetivo era aniquilar o máximo possível de judeus até o fim da guerra, visto que a derrota da Alemanha era cada vez mais certa. Começam então, a partir deste ano, as deportações massivas de milhares de pessoas dos guetos e de outros campos dos territórios ocupados para Auschwitz e Treblinka, onde foram assassinados nas câmaras de gás.

Josef explica com assombro que até os prisioneiros a ponto de morrer, fatigados com a fome e com os trabalhos forçados, fizeram fila em frente ao bordel no dia de sua inauguração - as filas permaneceram até o fim da guerra. Por ordem de Himmler, todos os triângulos rosa eram obrigados a frequentá-lo, como uma espécie de “cura gay”. Portanto, os prisioneiros homossexuais que não tivessem sido castrados pelos experimentos médicos deveriam ir ao bordel, sempre vigiados pelos guardas, certificando-se de que estavam cumprindo as ordens. Josef relatou ter ido três vezes, e o quão traumáticas foram as experiências. Valendo-se de seus privilégios como *kapo*, logo conseguiu burlar a obrigatoriedade, assinando a lista de frequência mas mandando outro prisioneiro em seu lugar. Ele também relata que, mesmo com o bordel funcionando ativamente, muitos dos *kapos* mantiveram seus amantes do mesmo sexo.<sup>81</sup>

Este é um ponto sobre o qual podemos levantar algumas reflexões: enquanto alguns *kapos* não mais tiveram relações homossexuais após o início das atividades do bordel, como o *ex-kapo* cigano de Josef, porquê outros mantiveram seus amantes consigo? Josef cita duas possibilidades<sup>82</sup>: 1) a aparência mais “humana” que os amantes possuíam em comparação às prisioneiras forçadas à prostituição, que tinham um aspecto famélico e fatigado, além de terem os corpos sujos e roxos, tomados de marcas de agressão; 2) uma maior “naturalidade” nas relações com os amantes do mesmo sexo em contraposição com as que ocorriam no bordel: estima-se que uma prisioneira, no período de 6 meses de trabalho, tinha até duas mil relações sexuais. Josef narra que a mulher recebia o prisioneiro já de pernas abertas, exigindo para que terminasse logo. O triângulo rosa se questiona como alguém poderia encontrar prazer e alívio naquela situação. Portanto, se imaginam alguns dos motivos que levaram alguns “notáveis” a manterem seus amantes do mesmo sexo mesmo com o funcionamento do bordel no campo, pois como já foi visto anteriormente, não era incomum que surgisse uma espécie de sentimento entre os dois homens envolvidos.

Com os privilégios e a proteção de sua posição, a vida transcorre “tranquilamente” para Josef sem grandes sobressaltos até o início de 1945, com a aproximação das tropas estadunidenses. Os nazistas evacuam o campo numa marcha da morte visando liquidar a todos os prisioneiros. Em um determinado ponto da marcha, com a proximidade cada vez maior das tropas aliadas, a SS abandona os poucos que haviam sobrevivido a três dias de

---

<sup>81</sup>Ibid., p. 132.

<sup>82</sup>Ibid., p. 130-132.

caminhada, que por fim se encontram livres. Josef, juntamente com outros cinco prisioneiros austríacos como ele, resolve se separar do grupo e ir procurar abrigo em um local seguro. Chegam a uma granja, onde dormem e se alimentam, visando recuperar um pouco das forças para ir em busca dos estadunidenses, que não estavam demasiado longe. Na manhã seguinte, escutam o barulho dos tanques e correm em direção a estes, agitando uma bandeira branca. Para sua imensa sorte, o soldado que os atende é austríaco como eles, que havia emigrado para os Estados Unidos com a família na ocasião da *Anschluss*, em 1938.

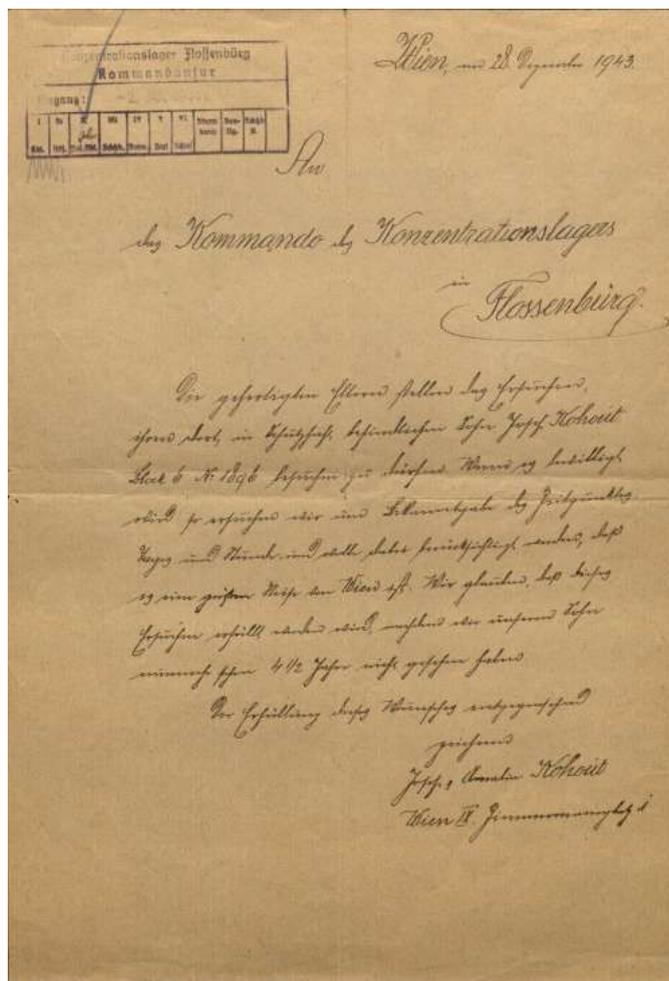
Permanecem com a divisão estadunidense, que seguia para a Áustria. Chegam até a cidade de Linz e são informados que podem se dispersar pela zona ocidental até o sul da Áustria, não tendo permissão para seguir para a zona de ocupação soviética - onde estava Viena, cidade de Josef. Felizmente, descobre que uma de suas irmãs havia estabelecido residência ali, estava casada e tinha dois filhos pequenos. Passa um mês em sua casa, se recuperando física e emocionalmente, até receber a permissão de viagem para ir até Viena reencontrar sua mãe. Seu pai havia cometido suicídio em 1942, não podendo suportar a dor com relação à deportação do filho. Josef Kohout encontrou um novo parceiro em 1946, com quem permaneceu até seu falecimento, em 1994. Hoje, possui uma praça em Viena em sua homenagem.

Imagem 8 - Triângulo e número de identificação de Josef Kohout em Flossenbürg, doado por sua família ao United States Holocaust Memorial Museum.



Disponível em: <<https://goo.gl/HbFGTV>>. Acesso em: 05 de nov. 2018.

Imagem 9 - Carta dos pais de Josef Kohout ao comandante do campo de Flossenbürg, pedindo para visitar o filho. Note-se que estes não utilizam a saudação “Heil Hitler!”, costumeira em correspondências endereçadas à órgãos do Terceiro Reich.



Disponível em: <<https://goo.gl/osGUEr>>. Acesso em: 05 de nov. 2018.

Imagens 10 e 11 - Praça em Viena em homenagem a Josef Kohout, com o nome de Heinz Heger, sob o qual foram publicadas as suas memórias.



Disponível em: <<https://goo.gl/jT66n8>> e <<https://goo.gl/xmysQd>>. Acesso em: 05 de nov. 2018.

Imagem 12 - Foto de Josef Kohout. Data desconhecida.



Disponível em: <<https://goo.gl/NMPWWv>>. Acesso em 05 de nov. 2018.

## **2.2 Pierre Seel, KZ de Schirmeck-Vorbrück**

Pierre Seel nasceu em 16 de agosto de 1923 numa abastada e conservadora família de estrita moral católica alsaciana. Seus pais eram os donos de uma famosa e muito frequentada padaria da cidade de Mulhouse, cidade francesa não muito distante da fronteira com a Alemanha. Em seu relato, ele não se detém em maiores detalhes sobre sua infância e adolescência, apenas dizendo que havia sido feliz neste período, apesar da angústia que sentiu ao descobrir-se homossexual, ainda muito jovem. Sentiu uma imensa culpa, visto que fazia parte de uma família católica praticante. Mesmo assim, não reprimiu o que sentia e logo começou a praticar sua sexualidade - longe de sua família, obviamente. Em Mulhouse havia um ponto de encontros muito conhecido da burguesia local que desejava relacionar-se homoafetivamente: a Praça Steinbach. Teve assim suas primeiras experiências e uniu-se a outro rapaz, chamado Jo, com quem viveu momentos muito felizes. O ano era 1939 e tudo transcorria calmamente,

apesar dos indícios de uma nova guerra estourar. Pierre era um típico jovem francês de sua idade, adotando o irreverente estilo *zazou*.<sup>83</sup>

Dois meses antes da França declarar guerra à Alemanha, após uma visita à Praça Steinbach, Pierre notou que seu relógio, um presente dado por sua madrinha que vivia em Paris, havia sido furtado. Entrou em desespero: como explicaria aquilo aos pais? Eles sem dúvida dariam falta do objeto. Visando embasar uma boa justificativa, resolveu ir à delegacia de polícia da cidade dar queixa do crime. Ao chegar lá, o policial o recebeu cordialmente e começou a fazer perguntas do ocorrido. Porém, ao unir o lugar onde se encontrava e o horário em que estava ali, logo percebeu o que ele havia ido fazer lá. O policial o confrontou e humilhou, perguntando o que os pais de Pierre, muito respeitados e bem sucedidos na cidade, pensariam se soubessem o que seu filho de 17 anos fazia às escondidas, fazendo-o chorar de vergonha. Com a promessa deste de não mais ir àquele local, o policial prometeu não contar nada aos seus pais. Pouco tempo depois, Pierre já havia esquecido o incidente, porém, não sabia que o policial havia incluído seu nome no ficheiro de homossexuais da cidade.

Em 1941, com a invasão da Alemanha pela França, a Gestapo se apodera de todas as listas e fichas policiais do país, inclusive as que registravam os homossexuais. É importante frisar que estas “fichas de homossexuais” eram ilegais, visto que ao contrário da Alemanha, na França a homossexualidade não era crime - só passará a ser em 1942, com as leis de Vichy. Ciente do “crime” cometido por Pierre, mesmo tendo sido anterior à ocupação alemã, a Gestapo o convoca a comparecer ao quartel-general da cidade em 02 de maio de 1941. Após ser torturado por dias consecutivos, quando o estupraram com um pedaço de pau que chegou a perfurar seu intestino - os sangramentos decorrentes da tortura seguiram por quase toda sua vida - foi deportado para o campo de concentração de Schirmeck-Vörsbuck, a 30 km de Estrasburgo, muito próximo da fronteira com a Alemanha.

Chegando lá, foi identificado como homossexual com uma barra azul em seu uniforme de prisioneiro - em Schirmeck, ao contrário de todos os outros campos de concentração e extermínio do Terceiro Reich, não se utilizava o famoso triângulo rosa. Porém, a diferença na identificação não abrandou o sofrimento que passou no campo: “Eu não fazia parte de nenhum dos grupos de solidariedade. Com minha barra azul, rapidamente decifrada por meus companheiros de infortúnio, não tinha nada que esperar deles: o delito sexual é uma carga

---

<sup>83</sup>O *zazou* caracterizou-se como uma subcultura muito popular na França do início do século XX, onde os homens vestiam-se com termos irreverentes, cabelos desganhados e grandes óculos escuros.

adicional na identidade carcerária.”<sup>84</sup> Ao contrário de Josef Kohout, Pierre Seel relata não ter recebido ofertas para tornar-se amante de algum *kapo*, o que inclusive parecia temer:

**Por estar entre os mais jovens do campo, temia que as atenções se concentrassem em mim.** Nas pausas do trabalho me esforçava em não falar com ninguém e me encerrava em uma desesperada solidão sob a qual não passava **nenhum desejo sexual. A ideia mesmo de desejo não tinha nenhum lugar naquele espaço. Um fantasma não tem nem fantasia nem sexualidade. Tínhamos de estar só no meio de todos.** Nos raros momentos em que podíamos nos observar em silêncio, via alguns dos que estiveram no transporte para o campo, mas eram muito difíceis de reconhecer, dada nossa ridícula vestimenta, nossos crânios raspados e nossa silhueta famélica, que **borravam nossa idade e nossa identidade.**<sup>85</sup>

Aqui temos bastante perceptível a diversidade memorial dos triângulos rosa: as experiências de Josef Kohout e Pierre Seel são completamente opostas uma à outra, o que demonstra o quão diferentes poderiam ser as vivências dos deportados homossexuais de acordo com o campo e todo o contexto no qual se travavam as relações de poder e hierarquia (o que acabará influenciando também na data de publicação de seus testemunhos após a guerra, com mais de 10 anos de diferença um do outro, devido o trauma marcante que permaneceu no ex-prisioneiro francês). Pierre Seel também era jovem e considerado atraente como Josef Kohout (note-se aqui também a marca da jovialidade como aspecto positivo, o que demonstra que triângulos rosa de idades mais avançadas não tiveram as mesmas “vantagens” dos mais jovens), mas isso não significou nenhum benefício para si: ele não conseguiu escapar dos experimentos médicos, para os quais os prisioneiros homossexuais eram as cobaias preferidas:

Me aterrorizava cada vez que os alto falantes anunciavam meu nome, porque às vezes era para praticar sobre mim monstruosidades experimentais. A maior parte do tempo consistiam em injeções muito dolorosas nos seios<sup>86</sup>. Me recordo muito bem

---

<sup>84</sup>SEEL, P.; BITOUX, J. L. **Pierre Seel – Deportado Homossexual**. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2017, p. 40.

<sup>85</sup>Ibid., p. 41, grifos meus.

<sup>86</sup>É exatamente esta a palavra, “seios”, que o autor utiliza. As injeções de hormônios masculinos diretamente nas mamas dos prisioneiros tinha como objetivo uma “cura” para a homossexualidade, visando despertar no indivíduo o interesse por pessoas do sexo oposto [sic]. Outros experimentos com prisioneiros homossexuais foram as castrações químicas.

das paredes brancas, dos jalecos brancos e das risadas dos enfermeiros. Éramos uma meia dúzia, com o torso nu e alinhados contra a parede. Para realizar suas injeções, gostavam de lançar as seringas em nossa direção como se lançavam dardos de tiro ao alvo. Em um dia de sessão de injeções, meu desafortunado vizinho caiu ao chão, perdendo os sentidos. A seringa havia atingido seu coração. Nunca mais voltamos a vê-lo.<sup>87</sup>

Outro acontecimento extremamente traumático para Pierre foi quando seu primeiro amor, Jo, chegou ao campo e foi devorado pelos pastores-alemães dos guardas nazistas em frente a todos os prisioneiros. Não é de surpreender, portanto, que este não sentisse impulso sexual, mesmo como instinto de sobrevivência. Sua experiência assemelha-se a de Primo Levi, que em suas obras já referenciadas anteriormente neste mesmo capítulo, descreve um sentimento muito similar de solidão e vazio propiciados pela desumanização e crueldade dos campos de concentração/extermínio.

Vale a pena citar que, o mesmo Primo Levi, em sua obra “É Isto um Homem?”, ao descrever quais prisioneiros possuíam as maiores chances de sobrevivência, cita os prisioneiros homossexuais: os “homossexuais jovens e atraentes”<sup>88</sup>, deixando implícito o motivo da sobrevivência destes (novamente o marcador da jovialidade se faz presente). Para Arosa e Penna<sup>89</sup>, no trecho de Levi descrito anteriormente, “o homossexual não é citado como parte de um grupo de vítimas do campo de extermínio-concentração, é mencionado apenas de forma no mínimo irônica, ao se ler que homossexuais belos e jovens [...] se utilizaram e se aproveitaram de seus corpos como moeda de troca.” (p. 16). Primo Levi não percebe a diversidade de experiências dos triângulos rosa, onde poderiam existir, sim, prisioneiros que conseguiram valer-se de artifícios do gênero visando sua sobrevivência, mas também outros que, assim como ele próprio, se sentiram completamente anulados enquanto seres humanos na rotina de um campo de concentração, incapazes de sentir qualquer desejo ou sentimento de cunho amoroso e/ou sexual. Percebe-se também que Primo Levi somente cita os prisioneiros homossexuais neste momento em especial, durante toda sua obra. No restante de sua

---

<sup>87</sup>Ibid., p. 43.

<sup>88</sup>LEVI, P. **É Isto Um Homem?** São Paulo: Rocco, 1988, p. 131.

<sup>89</sup>AROSA, G. V.; PENNA, J. C. Homossexualidade, Testemunho e Cárcere: Pensar o Eu, Pensar o Outro. **Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, n. 30: Crítica a violência e exclusão, jul.-dez. 2017, p. 13-26. Disponível em <<https://goo.gl/qMEMgC>>. Acesso em 20 de mar. 2018.

literatura, elenca como prisioneiros dos campos somente os judeus, os políticos e os infratores criminais, majoritariamente.

No final de 1941, sem maiores explicações, Pierre foi libertado do campo pelo comandante em pessoa, Karl Bück. Por ser alsaciano, ele - agora nomeado como Peter pelos alemães - era considerado cidadão alemão, visto a Alsácia ser uma região tida como alemã pelo Terceiro Reich. Assinou um documento comprometendo-se a nunca relatar o que havia passado ali e pôde regressar ao seu lar, onde seu pai impôs, de maneira velada, um pacto de silêncio em toda a família sobre o que havia acontecido ao filho, e sua sexualidade e deportação não foram discutidos abertamente no contexto familiar.<sup>90</sup> Tão logo regressou, foi obrigado a passar por uma nova provação: sendo cidadão alemão, foi convocado pela *Wehrmacht* para prestar serviço militar como um *Volksdeutsche*, termo em alemão que designava pessoas de etnia ou origem germânica que viviam fora da Alemanha em si. Prestou diversos serviços às Forças Armadas, desde um centro *Lebensborn*<sup>91</sup> na Áustria até o combate na frente russa, em Smolensk, onde quase foi morto pelo exército soviético.

Desertou da frente russa e conseguiu retornar para casa novamente, onde encontrou seu país já livre. Com a homossexualidade ainda sendo crime na França de Charles de Gaulle, e muito constrangido com os olhares e comentários feitos a seu respeito no ambiente familiar e local, decide se casar com uma moça parisiense e assim vão viver longe de Mulhouse. Tem com ela três filhos, porém, o passado custa a passar: “a verdadeira liberação era para os outros”.<sup>92</sup> Divorciou-se, tornou-se alcoólatra e chegou a viver nas ruas. Após prestar seu primeiro depoimento público acerca de sua deportação, começou a recuperar-se. Conheceu seu companheiro, Eric Feliu, com quem esteve unido por 12 anos. Juntos possuíam uma criação de cães em Toulouse, conseguindo assim superar o medo que tinha de cachorros após a morte

---

<sup>90</sup>Nesta época, Seel só conseguiu conversar a respeito de sua sexualidade e deportação com sua mãe, que se tornou sua maior confidente e amiga. Porém, era a única de seu círculo social que não fez julgamentos, comportamento que infelizmente não se expandiu ao restante da família, o que contribuiu para que este tentasse assumir uma posição heteronormativa.

<sup>91</sup>O *Lebensborn* era um programa de reprodução forçada idealizado por Heinrich Himmler, chefe da SS, para produção de crianças arianas e saudáveis para o Terceiro Reich. Pierre Seel ficou muito confuso ao ser mandado para lá, visto que não era loiro e não possuía nada de ariano - e com certeza conheciam sua ficha contendo seu “crime de sodomia”. Teria sido uma tentativa de “cura na prática” similar à que ocorreu com Josef Kohout? Acaba não permanecendo lá por muito tempo, tendo sido requisitado para a frente russa com as inúmeras baixas alemãs.

<sup>92</sup>SEEL, P.; BITOUX, J. L. **Pierre Seel – Deportado Homossexual**. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2017, p. 79, tradução nossa.

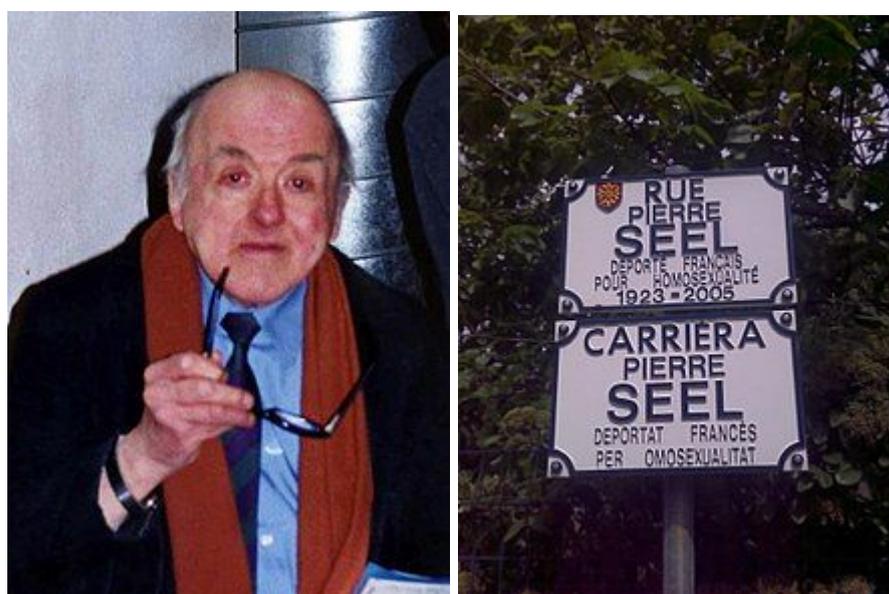
de Jo. Faleceu em 2005. Atualmente, há memoriais em sua homenagem em Mulhouse e Toulouse.

Imagens 13 e 14 - Esquerda: Pierre Seel em 1942. Direita: Placa em homenagem à Pierre Seel em Mulhouse, cidade francesa na qual viveu com sua família por grande parte de sua vida.



Disponível em: <<https://goo.gl/jW9EjJ>> e <<https://goo.gl/F2r2dB>>, acesso em: 08 de nov. 2018.

Imagens 15 e 16 - Esquerda: Pierre Seel em Berlim, Alemanha, 2000. Direita: Rua em Toulouse, França, em homenagem a Pierre Seel.



Disponível em: <<https://goo.gl/F2r2dB>>. Acesso em: 08 de nov. 2018.

### 2.3 Rudolf Brazda, KZ de Buchenwald

Rudolf Brazda nasceu em 26 de junho de 1913, na cidade que hoje é conhecida como Meuselwitz, na Alemanha, filho de pais tchecos originários da região da Boêmia que haviam emigrado para a Saxônia em busca de melhores oportunidades de trabalho. Era o mais jovem de 8 filhos. Tendo nascido às vésperas da Primeira Guerra Mundial, passa pouco tempo com o pai, que é mobilizado para a frente de batalha. Quando ele volta, não reconhece o filho, então com 5 anos de idade, visto que era um recém nascido quando teve de deixar seu lar. Infelizmente Rudolf não pôde conviver muito com aquele pai “desconhecido”: ele morreu em um acidente de trabalho numa mina de carvão, em 1922.

Mesmo tendo nascido na Alemanha, não possui a cidadania alemã por ser filho de pais tchecos. Ainda assim, é criado de maneira alemã pelos pais, que falavam somente em alemão com os filhos, fazendo de tudo para integrar-se ao novo país. Sendo assim, cresce sem aprender sequer uma palavra em tcheco.

Após repetir um ano, decide abandonar a escola aos 14 anos para aprender um ofício, e é iniciado com louvor na costura pelas irmãs mais velhas. Decide profissionalizar-se devido sua paixão e talento com tecidos, porém, não consegue vagas para capacitações nem empregos na área por não ser considerado cidadão alemão - a escassez de vagas profissionais na Alemanha, que atravessava uma enorme crise, faz com que se priorize a mão de obra nacional. Precisando de um meio de sustento, aceita então uma vaga como aprendiz de telhador, que era o que havia restado. Na época, ele não tinha consciência do impacto que este pequeno emprego teria em seu futuro.

Com a pequena remuneração que recebe, mais um benefício social que ganha da cidade em que vive por ter baixa renda, consegue então bancar suas idas a cafés, bares e bailes com as muitas amigas femininas que possui. Foi em visitas a esses locais que teve suas primeiras experiências homoafetivas: primeiramente, com um “jovem loiro, alto e forte, muito viril”<sup>93</sup> chamado Horst; e então com aquele que seria seu grande amor, um jovem loiro e afeminado como ele, chamado Werner.

Pouco tempo depois, Rudolf e Werner já estão morando juntos, e seu círculo social de amigas se expande, formado por homens e mulheres da mesma orientação sexual. Estes se

---

<sup>93</sup>SCHWAB, J. L.; BRAZDA, R. **Triângulo Rosa – um homossexual no campo de concentração nazista**. São Paulo: Mescla, 2011, p. 23.

divertem jogando cartas, discutindo frivolidades e praticando a arte *drag*<sup>94</sup>, onde homens vestiam-se como mulheres e vice-versa. Ao saber que o filho morava com outro homem, sua mãe felizmente reage muito bem e toda a família é convidada para um “almoço de núpcias” na casa da senhora Brazda, com toda a família presente - incluindo os irmãos com seus cônjuges - e claro, os amigos do casal, dentre eles, um rapaz chamado Kurt, que chega “montado” em sua arte *drag*, com direito a todos os adereços.

A vida parecia feliz e despreocupada. Rudolf visita Werner no trabalho levando um grande coração de chocolate ao seu amor; viajam juntos à Tchecoslováquia e trocam cartas com os amigos que ficaram na Alemanha. Porém, as coisas começam a mudar. Com o endurecimento do Parágrafo 175, levado a cabo pelos nazistas logo em sua chegada ao poder, a polícia passa a investigar pessoas suspeitas de infringirem a lei. Assim começa o “efeito dominó”: as pessoas presas são pressionadas e torturadas a denunciarem outras, e assim sucessivamente. Toda e qualquer prova encontrada com essas pessoas e/ou em suas casas - como cartas, por exemplo - são imediatamente confiscados e analisados, pois podem apontar para outros suspeitos.

Obviamente, não demora para a polícia chegar até Rudolf e Werner, visto que ambos possuíam uma movimentada vida social e seu círculo pessoal era muito extenso. Em uma manhã de abril de 1937, Rudolf é acordado pela polícia, que vasculha todo seu apartamento e o leva até a delegacia para prestar depoimento. Lá, dizem que chegaram até o seu nome numa investigação acerca de dois amigos dele. Perguntam tudo o que sabe sobre estes dois rapazes, além do relacionamento dele com Werner, que por ser cidadão alemão, estava cumprindo serviço militar obrigatório. Visando proteger seu companheiro, Rudolf desconversa, dizendo que apenas morava com Werner, mantendo contato esporso e trivial com o mesmo.

A história de Rudolf vai se desmanchando como um castelo de cartas: os policiais já sabiam tudo acerca de sua vida e de seus relacionamentos, mas de início não mencionaram nada, fazendo perguntas como se fingissem não saber. Após afirmar que não era íntimo das duas pessoas investigadas e nem de Werner, os policiais mostram uma fotografia onde todos os citados aparecem juntos, de maneira íntima, abraçados e felizes. Era uma prova concreta de

---

<sup>94</sup>Apesar do termo ser considerado contemporâneo, a primeira menção à este data de 1870. A arte *drag* surgiu no teatro, quando as mulheres ainda não podiam atuar, sendo então homens que vestiam-se como mulheres para então representá-las. Atualmente, a arte *drag* é extremamente plural, não restringindo-se a gênero ou orientação sexual. Disponível em: <<https://goo.gl/gp398j>>. Acesso em: 04 de jan. 2019.

que Rudolf havia mentido para a polícia, e assim, justificava-se mantê-lo em detenção provisória até o fim das investigações.

Os policiais chegam até as duas moças lésbicas que frequentavam o apartamento de Rudolf e Werner, e uma delas confessa que ambos são homossexuais, dividem o mesmo quarto - contrariando Rudolf, que havia mentido de que dormiam em quartos separados - e beijavam-se na boca na frente de todos. Os policiais já não têm mais nenhum impedimento para processar e julgar Rudolf, assim como Werner, sob o Parágrafo 175.

Rudolf é processado e condenado a 6 meses de prisão, além do pagamento dos custos com o processo - do qual é dispensado após comprovar-se de que possuía baixa renda. Por ser um estrangeiro que infringiu as leis alemãs, é expulso do Reich, não restando alternativa a não ser emigrar para Tchecoslováquia, país do qual é cidadão. Por não falar tcheco, decide fixar residência em Karlsbad, nos Sudetos, região germanófona de fortes raízes alemãs. Quanto a Werner, o processo sem dúvida significou uma ruptura. Nunca mais teve contato com seu companheiro, que muito provavelmente deve ter sofrido alguma punição militar.

Chega em Karlsbad (a 130 km de Praga) no início de 1938. Localizada na região da Boêmia, é extremamente conhecida por suas estâncias termais, atraindo muitos turistas. Lá, faz seu número como *drag queen* em bares e boates, além de programas ocasionalmente, para poder sustentar-se. Conhece uma companhia de teatro que aprecia seu número e o convida para participar das turnês pela Tchecoslováquia, conhecendo assim diversos pontos do país. Ele está feliz com a vida de artista, e é através do grupo que conhece seu novo companheiro, um cabeleireiro chamado Toni.

No fim do mesmo ano, a província tcheca onde morava Rudolf - conhecida como Sudetos pelos alemães - é incorporada pela Alemanha Nazista, segundo o argumento do *Lebensraum*<sup>95</sup> fazendo então parte do Terceiro Reich e adotando sua legislação, o que inclui, obviamente, o Parágrafo 175. Não tarda muito para que a *Kripo* - polícia criminal tcheca, que com a ocupação do país submete-se à Gestapo de Karlsbad - monte uma “teia de aranha” idêntica à qual levou à prisão de Rudolf na Alemanha. Segue-se um segundo processo, no qual Rudolf, diante das provas incontestáveis contra si, se vê obrigado a confessar seus “crimes”. É

---

<sup>95</sup>“Espaço vital”, em tradução do alemão. Hitler tinha como pretexto reunir sob a égide do Terceiro Reich todos os povos de etnia e língua germânicas, populações conhecidas como *Volksdeutsche*. Sendo a região dos Sudetos majoritariamente composta por pessoas de origem e fala alemã, países como Inglaterra e França assinam um documento - o chamado “Acordo de Munique” - autorizando a anexação da região à Alemanha, com a promessa de Hitler em não fazer mais reivindicações no território tcheco, o que obviamente descumpriu ao invadir e ocupar todo o país em 1939.

sentenciado a um ano e dois meses de prisão, cumpridos majoritariamente em Hohenberg and der Eger, uma cidade da Bavária na fronteira com a Tchecoslováquia. É depois transferido para Zwickau, na Saxônia. Em 1942, prestes a ser libertado, sua custódia é reivindicada pela polícia de Karlsbad, informada pela iminência do fim de sua pena.<sup>96</sup> Este retorna à cidade e passa de prisão em prisão até agosto do mesmo ano, quando é por fim colocado em um transporte em vagão de gado com destino ao campo de concentração de Buchenwald.

Ao chegar lá, Rudolf recebe o famigerado triângulo rosa, que o identifica como homossexual. No centro do seu triângulo, há a letra T em maiúsculo, que significa “tcheco”. Seu número de matrícula é 7952. Como não é de surpreender, é designado para trabalhar na pedreira, que havia a fama de liquidar com os prisioneiros em poucos dias, devido ao ritmo extenuante de trabalho e a crueldade dos *kapos* que supervisionavam o trabalho, em especial um, chamado Herzog, que parecia ter prazer em praticar os mais diversos tipos de tortura para com os prisioneiros subordinados a ele. É claro que Rudolf não passa despercebido a este *kapo*, porém, de uma maneira peculiar:

Herzog reparou em Rudolf e, por mais incrível que isso possa parecer, o *Kapo* da pedreira se afeiçoou por ele, **não sem perceber o leve jeito afeminado de Rudolf**<sup>97</sup> [...]. Apesar dos riscos, o jovem, sob o pretexto de fadiga e medo de ser machucado, ousa repelir as investidas do *Kapo*. **Surpreendentemente, não há represálias**. Ao contrário, Herzog designa Rudolf para uma tarefa menos árdua, muito provavelmente no outono de 1942. Ele o nomeia enfermeiro do barracão da pedreira, onde são feitos os primeiros socorros aos acidentados. Trata-se de cuidados simples - desinfecção e curativos - dispensados aos detentos que se feriram por causa de um movimento em falso ou foram atingidos pela queda de pedras.<sup>98</sup>

“Surpreendentemente, não há represálias”. É importante reforçar novamente esta frase, que parece ter surpreendido também o escritor da obra. Os convites dos *kapos* aos triângulos rosa

---

<sup>96</sup>Processo idêntico ocorreu com Josef Kohout: chamada de *Schutzhaft* (em português “custódia protetiva”), era uma diretriz dada pelo chefe da SS, Heinrich Himmler, a partir de 1940, segundo a qual toda e qualquer pessoa que significasse uma “ameaça” à população ariana deveria permanecer sob a custódia do Estado, para por fim serem enviados a campos de concentração. Os campos de Buchenwald e Dachau receberam a grande maioria desses prisioneiros, principalmente após a implementação da “Solução Final” com a deportação massiva de judeus para as câmaras de gás dos campos no Leste Europeu. Tal fato não passou despercebido a Rudolf Brazda, que, ao chegar ao campo (agosto de 1942), constatou a baixíssima presença judaica: pouco mais de 800 restavam, sendo a massa carcerária composta em sua maioria por políticos, homossexuais, ciganos e criminosos comuns.

<sup>97</sup>Os traços delicados e femininos de Rudolf eram visados pelos *kapos* que buscavam amantes homossexuais.

<sup>98</sup>Ibid., p. 119-120, grifos meus.

geralmente não eram recusados, visto o grande poder que estes prisioneiros tinham sobre a vida dos demais detentos. Quando contrariado ou desobedecido, um *kapo* poderia condenar um prisioneiro à morte de diversas maneiras, seja por espancamento ou até mesmo designando-o para o pior trabalho possível, que poderia matar um prisioneiro em apenas um dia. O *kapo* Herzog, citado anteriormente, impunha um dilema aos prisioneiros que mais odiava, nomeadamente, os judeus: arrancava os bonés de suas cabeças e os lançava além dos limites permitidos pela SS para o trânsito de prisioneiros no campo, em frente à linha de tiro dos sentinelas nas casamatas e torres de observação. Qualquer um que cruzasse o limite era imediatamente abatido pelos guardas. O prisioneiro desafortunado, então, deveria fazer uma escolha: ir buscar o boné e ser abatido pela SS, ou retornar ao barracão com o uniforme incompleto, sendo espancado pelos guardas no “potro”, que poderia incapacitá-lo para o trabalho e levaria a uma morte lenta na enfermaria. A escolha era morrer imediatamente ou morrer agonizando.

Rudolf Brazda recusou o convite para ser amante de um dos *kapos* mais cruéis de Buchenwald e... nada aconteceu. Um golpe de tremenda sorte e muito incomum na história dos triângulos rosa. Relembrando o testemunho de Josef Kohout, este justificou seus inúmeros casos com os *kapos*, em primeiro lugar, por temer por sua vida, pois estes poderiam vingar-se dele em represália. A recusa de Rudolf Brazda é, portanto, pouco habitual, até mesmo pelo fato do *kapo* Herzog ter recompensado o triângulo rosa, mesmo sem ter o que queria, o que demonstra uma certa afeição presente em uma pessoa que aparentemente não tinha nenhum sentimento de compaixão para com os prisioneiros. A diversidade memorial dos prisioneiros triângulos rosa encontra, assim, mais um testemunho da vivência enquanto ser homossexual em situações limite. Rudolf não deixa claro ao seu entrevistador se chegou a ter relações homoafetivas no campo, mas deixa subentendido que estas ocorreram, apesar de não ser rico em detalhes: “Para Rudolf, prestar os favores sexuais exigidos pelo mais velho não agrada sua sexualidade, mas é um mal necessário: ‘a pulsão está lá, ainda que não haja sentimento’.”<sup>99</sup> Rudolf, assim como Josef, reconhece que é privilegiado por ser jovem e possuir uma aparência afeminada<sup>100</sup>, o que cativa e atrai os *kapos*. Se fosse mais velho e não tão atraente, muito provavelmente não teria tido a mesma sorte.

---

<sup>99</sup>Ibid., p. 135, tradução nossa.

<sup>100</sup>“Ele mede pouco mais de um metro e sessenta, tem belos cabelos castanho-claros, meticulosamente ondulados, e um rosto rosado, no qual brilham belos olhos azuis; ele pode parecer um pouquinho afeminado.”. Ibid., p. 23.

Em seu relato, vemos muitas semelhanças com o testemunho de Josef Kohout, com quem o próprio Rudolf se identifica muito. Em Buchenwald, também havia um guarda nazista que tinha o prazer de se masturbar ao ver espancamentos no “potro”, a quem os prisioneiros apelidaram de “Tia Anna”. E, a exemplo do que também ocorreu em outros campos, em 1943, Buchenwald teve um bordel com prisioneiras vindas do campo de Ravensbrück. Ao cruzarem com ele em um de seus intervalos em que podiam caminhar pelo campo, estas comentam entre si ao verem seu triângulo rosa: “Olhem, nosso concorrente!”<sup>101</sup>. Em 1943, após o discurso do Ministro da Propaganda do Reich, Joseph Goebbels conclamando a “Guerra Total”<sup>102</sup>, os nazistas visaram aproveitar todo o esforço de trabalho possível dos prisioneiros. Heinrich Himmler ordena ao comandante de Buchenwald, Hermann Pister, que a punição do “potro” - que era praticamente incapacitante - seja utilizada somente em último caso. A mão de obra especializada é cada vez mais requisitada e assim são formadas brigadas de trabalho especializado, dentre as quais, a de construção e manutenção, chamada de *Bauhof Kommando*. Formada majoritariamente pelos vermelhos, ou seja, pelos prisioneiros políticos, é para lá que Rudolf é designado, graças a sua experiência prévia como telhador. Novamente, a sorte lhe sorri. Os vermelhos eram menos violentos que os verdes, com os quais disputavam os cargos de liderança e privilégio no campo. Com a transferência de barracão e de posto de trabalho, Rudolf livra-se da violência e do assédio dos verdes, além dos fatais experimentos médicos que também eram conduzidos em Buchenwald, e que tinham os triângulos rosa como cobaias preferidas.

Até a libertação do campo, em 1945, transcorrem-se poucos acontecimentos relevantes que aqui não nos são pertinentes. Rudolf Brazda esconde-se em um barracão para evitar a marcha da morte, e sai de lá somente após a chegada do 3º Exército dos Estados Unidos, que oficialmente liberta o campo. Reencontra, em meio ao júbilo dos prisioneiros libertos, Fernand, um prisioneiro político francês com quem fizera amizade no campo. Juntos, decidem seguir rumo à França, país que Rudolf elegeu para começar sua nova vida. É na cidade alsaciana de Mulhouse - quem diria, a mesma da qual Pierre Seel era oriundo - que decide se estabelecer definitivamente. Lá, nos bailes noturnos onde volta a praticar a arte *drag*, é que conhece o novo amor de sua vida, Edi, nos anos 1950. Ficará com ele até a morte

---

<sup>101</sup>Ibid., p. 136.

<sup>102</sup>Discurso proferido no Reichstag em dezembro de 1942, no qual toda a nação alemã é conclamada para o esforço de guerra, incluindo crianças e idosos.

de seu parceiro, em 2003, devido a complicações respiratórias resultantes de um acidente de trabalho que o havia deixado parcialmente paralisado. Rudolf Brazda faleceu em 2011, sendo até esta data o último sobrevivente homossexual dos campos de concentração de que se tem notícia.

Imagens 17 e 18 - Esquerda: Rudolf Brazda antes da guerra, com 18 anos, em 1931. Direita: em Mulhouse, após o fim da guerra, em 1949.



Disponível em: <<https://goo.gl/F9b6sz>> e <<https://goo.gl/sdprdv>>. Acesso em: 13 de nov. 2018.

Imagem 19 - Rudolf Brazda em frente ao monumento em homenagem às vítimas homossexuais do Holocausto em Berlim.



Disponível em: <<https://goo.gl/RJZ4vJ>>. Acesso em: 13 de nov. 2018.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As obras aqui estudadas podem ser consideradas como parte integrante do gênero chamado Literatura de Testemunho, inaugurado justamente com os relatos testemunhais de

sobreviventes do Holocausto. Estudado majoritariamente no campo da Teoria Literária, esse gênero também é analisado por profissionais das mais diversas áreas, como as Ciências Sociais, a Filosofia, a História e a Psicologia. A nível internacional, já se debruçaram sobre este tema nomes como os filósofos Giorgio Agamben e Paul Ricoeur. No Brasil, temos como referência o teórico literário Márcio Seligmann-Silva. Segundo Carolina Pina Rodrigues Maciel:<sup>103</sup>

A literatura de testemunho pode ser entendida como uma forma de recriação de mundos baseados em experiências memorialísticas de sujeitos que testemunharam, de alguma forma, um evento histórico. Narrativas testemunhais são reconstruções de mundos implantados pelo autor. O testemunho é uma possibilidade de apresentar relatos com um peso traumático e inarrável, levantando questões e dando voz às narrativas de minorias, de sobreviventes de holocaustos e de outras formas de genocídio, repressão e violação dos direitos humanos. O filósofo italiano Giorgio Agamben assegura em suas considerações que **o ato de “testemunhar” apresenta a impossibilidade da testemunha de relatar o indizível**. O testemunho possui um relato ausente, distante do seu campo de fala. Sendo assim, a testemunha ocupa a função de resto, em que dará voz àquele que está incapacitado de falar: “As ‘verdadeiras testemunhas’, as ‘testemunhas integrais’ são as que não testemunharam, nem teriam podido fazê-lo” (AGAMBEN, 2008, p. 43).

Não é nosso objetivo, no presente estudo, realizar uma pesquisa aprofundada acerca do gênero da Literatura de Testemunho, mas sim pontuar que essa gestão do indizível, termo utilizado por Michael Pollak, é recorrente entre os sobreviventes dos campos de concentração e extermínio. A partir de uma entrevista de uma judia berlinense, sobrevivente de Auschwitz, que Pollak identifica com o nome fictício de Ruth A. - visando preservar sua identidade -, este problematiza a questão de que o testemunho ou o silêncio de um sobrevivente é, em grande parte, condicionado pelo ambiente e pelas condições sociais em que tal pessoa se encontra no pós-guerra.

O silêncio sobre si mesmo – diferente do esquecimento – pode ser uma condição necessária (presumida ou real) para a manutenção de uma comunicação com o meio ambiente [...] as dificuldades e bloqueios que apareceram ao longo da entrevista não

---

<sup>103</sup>MACIEL, C. P. R. Literatura de Testemunho: leituras comparadas de Primo Levi, Anne Frank, Imaculée Ilibagiza e Michel Laub. São Paulo: **Revista Opiniões**, nº 09, 2016, p. 74-75, grifos meus.

eram nunca casos de falta de memória ou de esquecimentos, mas de uma reflexão sobre a própria utilidade de falar e de transmitir sua história.<sup>104</sup>

No caso específico de Ruth A., a presença do opressor em seu círculo profissional e social foi um fator que retardou seu testemunho, corroborando a tese de Pollak sobre a influência do ambiente:

Ruth tem a ocasião de vivenciar isso: o chefe da administração do bairro onde ela se ocupa das indenizações de deportados é um antigo membro da Waffen-SS. E quando, um dia, o silêncio habitual entre aquele do qual o passado não tem nada de secreto e aquela que a tatuagem marca para sempre se rompe, Ruth deve engolir essa frase da parte de seu chefe: “Mas enfim, se as pessoas, e também você, sobreviveram, isso não devia ser tão terrível assim”<sup>105</sup>

Para os sobreviventes homossexuais, há uma dupla gestão do indizível: a identidade homossexual e a identidade de ex-prisioneiro de campo de concentração. Os três testemunhos aqui analisados vão ao encontro a tese de Pollak: “Somente as relações com a mãe são, em geral, mais claras e confiantes. As entrevistas mais abertas confirmam: a homossexualidade continua sendo, em termos exatos, ‘indizível’. Mesmo nas famílias que aceitam a homossexualidade do filho ou do irmão, um contrato tácito relega esse tema de conversa ao plano do não-dito”<sup>106</sup>

Ao contrário dos demais grupos de sobreviventes, os homossexuais continuaram sendo criminalizados no pós-guerra por muito tempo e só começaram a receber as indenizações de que tinham direito a partir dos anos 2000 em grande parte dos países europeus, décadas depois em comparação aos demais deportados, como os judeus e prisioneiros políticos, por exemplo. Josef Kohout, Pierre Seel e Rudolf Brazda, pouco tempo após suas respectivas libertações, foram em busca de seus direitos, que lhes foram negados, tendo recebido suas compensações somente pouco tempo antes de falecerem. Nas palavras de Josef Kohout:

---

<sup>104</sup>POLLAK, M. A gestão do indizível. **Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall**. Porto Alegre, v.2, n.1 (jan-jun), 2010, p. 45.

<sup>105</sup>Ibid., p. 42.

<sup>106</sup>POLLAK, M. A gestão de uma identidade indizível. In: **Os Homossexuais e a Aids**. São Paulo: Estação Liberdade, 1990, p. 26.

Solicitei a reparação que me correspondia pelos anos em que passei prisioneiro nos campos, mas a autoridade democrática rechaçou-a; na qualidade de prisioneiro triângulo rosa, de homossexual, havia sido condenado por um delito penal, mesmo nunca tendo feito nada a ninguém, como ocorreu no meu caso. Não se concedem indenizações a ex-prisioneiros enviados a campos de concentração por delitos penais [...] o progresso da humanidade não havia chegado até nós.<sup>107</sup>

Quando reclamou sua indenização, que também lhe foi negada, Rudolf Brazda ouviu uma negativa muito incomum: de que não teria direito ao benefício porque “não executara nenhum trabalho braçal que acarretasse uma incapacidade de trabalho suficiente para dar-lhe direito à ajuda financeira”<sup>108</sup>, sendo que em toda e qualquer indenização por deportação, não era requisito obrigatório que o sobrevivente tivesse sofrido algum dano físico que o incapacitasse de qualquer forma. Neste caso, muito provavelmente, a condenação pelo Parágrafo 175 foi o verdadeiro motivo da recusa à reparação.

Com exceção de Rudolf Brazda, que testemunhou no século XXI, ou seja, numa época já de maiores liberdades e direitos conquistados, Josef Kohout e Pierre Seel encerraram seus relatos de maneira bastante pessimista. Josef, em 1973, afirmou que não acreditava que chegasse a existir, um dia, uma organização internacional pelos direitos dos homossexuais<sup>109</sup> - o que hoje conhecemos como o movimento LGBT. Pierre, após vir a público como sobrevivente homossexual de campo de concentração, foi atacado na rua por jovens que lhe gritaram ofensas homofóbicas. A prefeita de Estrasburgo, que depois foi Ministra da Cultura da França, a socialista Catherine Trautmann, recusou-se a apertar sua mão em uma cerimônia de lembrança às vítimas do Holocausto.<sup>110</sup> Mesmo com todos os obstáculos e os percalços, o silêncio que lhes foi imposto pelo ambiente social, além dos traumas que trouxeram consigo dos campos de extermínio, estes homens, cada qual ao seu tempo e com sua motivação<sup>111</sup>, encontraram forças para falar e lutar. Atualmente já são reconhecidos como vítimas, tendo

---

<sup>107</sup>HEGER, H. **Hombres del triângulo rosa – memorias de un homosexual en los campos de concentración nazis**. Madri: Amaranto Editores, 2016, p. 155-156.

<sup>108</sup>SCHWAB, J. L.; BRAZDA, R. **Triângulo Rosa – um homossexual no campo de concentração nazista**. São Paulo: Mescla, 2011, p. 170.

<sup>109</sup>HEGER, H. **Hombres del triângulo rosa – memorias de un homosexual en los campos de concentración nazis**. Madri: Amaranto Editores, 2016, p. 140.

<sup>110</sup>Disponível em: <<https://goo.gl/7akc3o>>. A data do evento não é citada. Acesso em: 19 de nov. 2018.

<sup>111</sup>Conforme já citado nesta monografia, os testemunhos destes sobreviventes influenciaram-se mutuamente, numa espécie de “efeito dominó”: Pierre Seel falou sobre sua deportação publicamente pela primeira vez após ir ao lançamento, na França, do livro de Josef Kohout; Rudolf Brazda, após vir a público, ajudou a liderar os pedidos por reconhecimento à memória de Pierre Seel.

recebido pedido oficial de desculpas do Estado alemão e as indenizações - e homenagens - que lhe são de direito. O que nos conforta hoje em dia é ver este tema cada vez mais debatido e divulgado, apesar das resistências e das limitações, e ver que toda a luta destes homens por reconhecimento está sendo por fim recompensada. Lamenta-se apenas que, infelizmente muitas das vítimas já não fossem mais vivas quando a justiça finalmente foi feita. Pierre Seel, citando o monumento em homenagem aos triângulos rosa em Amsterdã, afirmou, nas considerações finais de seu livro, o desejo de um dia poder ver uma edificação semelhante também na França, o que acabou ocorrendo e em sua homenagem, alguns anos após sua morte.

Imagem 20 - Cerimônia de inauguração do memorial em homenagem a Pierre Seel em Mulhouse, França. Ao fundo na foto, está Rudolf Brazda.



Disponível em: <<https://goo.gl/o5SM9i>>. Acesso em: 19 de nov. 2018.

## BIBLIOGRAFIA

### FONTES:

HEGER, Heinz. **Hombres del triângulo rosa – memorias de un homosexual en los campos de concentración nazis**. Madri: Amaranto Editores, 2016.

SCHWAB, Jean Luc; BRAZDA, Rudolf. **Triângulo Rosa – um homossexual no campo de concentração nazista**. São Paulo: Mescla, 2011.

SEEL, Pierre; BITOUX, Jean Le. **Pierre Seel – Deportado Homossexual**. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2017.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

AROSA, Guido Vieira e PENNA, João Camillo. Homossexualidade, Testemunho e Cárcere: Pensar o Eu, Pensar o Outro. **Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, n. 30: Crítica a violência e exclusão, jul.-dez. 2017, p. 13-26. Disponível em <<https://goo.gl/qMEMgC>>. Acesso em 20 de mar. 2018.

JENSEN, E. The Pink Triangle and Political Consciousness: Gays, Lesbians, and the memory of Nazi Persecution. In: **Journal of the History of Sexuality**. Austin: University of Texas Press, 2002, v. 11, n. 1-2, p. 319-349.

LEVI, Primo. **É Isto Um Homem?** São Paulo: Rocco, 1988.

MACIEL, Carolina Pina Rodrigues. Literatura de Testemunho: leituras comparadas de Primo Levi, Anne Frank, Imaculée Ilibagiza e Michel Laub. São Paulo: **Revista Opiniões**, nº 09, 2016, p 74-80.

NORA, Pierre. Memória: da liberdade à tirania. **Revista Musas**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Museus, n. 4, p. 6-10, 2009.

PLANT, Richard. **The Pink Triangle - The Nazi War Against Homosexuals**. New York: Henry Holt, 1986.

POLLAK, Michael. “A Gestão de uma identidade indizível”. In: **Os Homossexuais e a Aids**. São Paulo: Estação Liberdade, 1990, p. 25-56.

\_\_\_\_\_. A gestão do indizível. **Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall**. Porto Alegre, v.2, n.1 (jan-jun), 2010.

\_\_\_\_\_. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

\_\_\_\_\_. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

\_\_\_\_\_. El Testimonio. **Memoria, olvido, silencio: la producción social de identidades frente a situaciones límite**. Buenos Aires: Ediciones Al Margen, 2006, p. 53-112.

SETTINGTON, Ken. **Marcados Pelo Triângulo Rosa**. São Paulo: Melhoramentos, 2017.

TRAVERSO, Enzo. **O passado: modos de usar – História, memória e política**. Lisboa: Edições Unipop, 2012, p. 55-71.